

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
MAX JUNIO SOUSA DA COSTA

EDUCAÇÃO FÍSICA E EJA: TENSÕES ENTRE TRABALHAR E ESTUDAR

Goiânia
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Max Junio Sousa da Costa

Título do trabalho: Educação Física e EJA: tensões entre trabalhar e estudar

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **MAX JUNIO SOUSA DA COSTA**, Discente, em 08/11/2021, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lênin Tomazett Garcia, Professor do Magistério Superior**, em 08/11/2021, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2450022 e o código CRC BBA30B0D.

Max Junio Sousa da Costa

EDUCAÇÃO FÍSICA E EJA: TENSÕES ENTRE TRABALHAR E ESTUDAR

Monografia submetida à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Max Junio Sousa da
Educação Física e EJA: Tensões entre Trabalhar e Estudar
[manuscrito] / Max Junio Sousa da Costa. - 2021.
60 f.

Orientador: Prof. Dr. LÊNIN TOMAZETT GARCIA.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),
Educação Física, Goiânia, 2021.
Anexos.

1. Educação Física. 2. Estudo. 3. EJA. 4. Trabalho. I. Garcia, LÊNIN
Tomazett , orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e oito dias do mês de outubro do ano de 2021 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Educação Física e EJA: tensões entre trabalhar e estudar", de autoria de Max Junio Sousa da Costa, do curso de Educação Física - Licenciatura, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Lênio Tomazett Garcia - orientador FEFD/UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Caio Sgarbi Antunes - FEFD/UFG e Profa. Dra. Sissília Vilarinho Neto - FEFD/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,5, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por Lênio Tomazett Garcia, Professor do Magistério Superior, em 03/11/2021, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Caio Sgarbi Antunes, Professor do Magistério Superior, em 03/11/2021, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Sissília Vilarinho Neto, Professora do Magistério Superior, em 03/11/2021, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2450018 e o código CRC 3A753ADB.

RESUMO

O presente estudo busca através da pesquisa de campo e da pesquisa bibliográfica desenvolver o problema de pesquisa que foi como as tensões entre estudar e trabalhar tece as aulas de educação física na EJA. Em uma mesma jornada de trabalho, o trabalhador estudante tem que estudar e trabalhar. A questão que emerge desta realidade histórica é: quais as determinações para a Organização do Trabalho Pedagógico em Educação Física se desdobram dessa realidade? Como se desenvolve a luta do estudante de EJA que mesmo com o seu corpo cansado ainda busca estudar, busca a educação como forma de vencer o sistema e se tornar um sujeito crítico e emancipado, e para um aprofundamento no tema neste trabalho houve dialogo com autores que estudam e estudaram sobre o tema, para assim buscar compreender como esse dilema social constitui esses jovens e adultos que vivem nessa dualidade de estudar e trabalhar. A princípio havia a necessidade de aplicar questionários aos alunos e a professora num estudo de caso, contudo devido a pandemia do novo corona vírus (Covid-19), propôs-se o questionário aberto somente a professora de Educação Física, e a partir do seu relato se pôde observar as tensões que transcendem a Educação Física no ensino de Jovens e Adultos. Como principais temas de estudo encontrado estão: o corpo cansado como síntese um feixe de relações sociais de uma classe que resiste.

Palavras-chaves: Educação física. Estudo. Eja. Trabalho.

ABSTRACT

The present study seeks, through field research and case study, to develop the research problem that was how the tensions between studying and working weave physical education classes at EJA. In the same workday, the student worker has to study and work. The question that emerges from this historical reality is: what are the determinations for the Organization of Pedagogical Work in Physical Education unfold from this reality? How the struggle of the EJA student develops, who even with his tired body still seeks to study, seeks education as a way to overcome the system and become a critical and emancipated subject, and for a deeper understanding of the theme in this work, there was a dialogue with authors who study and studied the theme, in order to try to understand how this social dilemma constitutes these young people and adults who live in this duality of studying and working. At first there was a need to apply questionnaires to the students and the teacher in a case study, however due to the new corona virus pandemic (Covid-19), the open questionnaire was proposed only to the Physical Education teacher, and from her In this report, it was possible to observe the tensions that transcend Physical Education in teaching young people and adults. The main themes of study found are: the tired body as a synthesis a bundle of social relations of a class that resists.

Key-words: Physical education. Study. Eja. Work.

Este trabalho é dedicado a minha mãe que tanto me incentivou e me incentiva a buscar ser uma pessoa melhor e a crescer na vida, e a todos demais familiares e amigos que me acompanharam durante esse trajeto acadêmico da minha vida.

Max Costa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois sem Ele eu nada sou e não poderia ter chegado até aqui.

Segundo agradeço a minha Mãe Ana Maria pela grande guerreira que é, que mesmo sozinha com muita luta me criou e me conduziu a primeira escola da minha vida, onde a partir dali pude de certa forma iniciar minha vida escolar, agradeço porque, mesmo em meio as dificuldades, consegui com um amigo comprar meus primeiros materiais escolares e desde então me incentivou a nunca desistir dos estudos, nunca desistir dos meus sonhos, Mãe OBRIGADO!!! Essa vitória, essa conquista é pela senhora que nunca desistiu de mim, obrigado.

Agradeço a minha namorada Poliana Nogueira que dia após dia, semana após semana ficava pegando no meu pé pra poder terminar logo a faculdade, e isso de certa forma me incentivou a buscar terminar logo, obrigado meu amor, por todo conselho, por toda ajuda, por todo incentivo, de agora em diante é a sua vez de alcançar seus objetivos acadêmicos e conte sempre comigo, pois estarei sempre ao lado. Eu te amo.

Agradeço a minha sogra Eneida Nogueira mais conhecida como Tineida, que é como uma segunda Mãe pra mim, agradeço por todo apoio e incentivo que me deu também e que a todo momento perguntava como estava a vida na faculdade. Obrigado minha sogra, essa conquista também é pela senhora.

Ao meu amigo Adriano Rodrigues que sempre me incentivou, me aconselhou e me ajudou em todo esse trajeto acadêmico, obrigado meu brother, sua amizade vale ouro e só quem te conhece de verdade sabe da boa pessoa que você é, e do quão inteligente você é, seu esforço pra chegar aonde está hoje me incentiva a sempre buscar o melhor pra mim, e é aquela coisa, foguete não tem ré meu parceiro. Tmj!!!

Ao meu amigo Railson Rodrigo que, em todo o tempo em que estive trabalhando com ele, ficava pegando no pé, perguntando se eu não iria terminar logo a faculdade, dando dicas no que eu poderia trabalhar e trazendo ensinamentos para a vida, agora deu certo “cabeça”, o diploma vem!!!

Aos amigos Wallisson Ferreira, Raphael Ferreira, Eduardo Honorato, Itacy Alves, Ildonai Jr, Wagner Menezes galera obrigado, ver cada um de vocês conquistando e realizando seus sonhos me incentivou ainda mais a chegar até aqui, e buscar por mais, obrigado por todo conselho e incentivo. Vocês são feras!!

Aos amigos e irmãos da igreja Adventista do Sétimo dia do jardim Pompéia por todo apoio e incentivo. Em especial aos Desbravadores do Clube Zênite do qual faço parte, o incentivo de cada um de vocês contribuiu e muito pra eu poder chegar até aqui, obrigado.

Ao meu Padrasto seu Mannas Lourenço que me incentivou a continuar estudando desde o primeiro momento que soube que tinha conseguido entrar na faculdade. Obrigado por toda ajuda que me deu, desde me levar para fazer o vestibular até os dias de hoje. Que Deus continue te dando saúde para que você continue ajudando mais pessoas.

A minha irmã Nathalia Maria que me incentiva e me apoia em todo momento também, mana eu sou o primeiro da família, que você seja a próxima, não desanima e nem desista, o caminho é árduo, mas a vitória é certa. Obrigado por tudo!!!

Aos amigos da faculdade por toda ajuda na jornada acadêmica, por todos os momentos de estudo, diversão e descontração, o empenho de cada um em realizar seus sonhos me motivou a chegar até aqui, demorou um pouquinho, mas consegui!!!

Aos professores da FEFD que contribuíram cada um de uma forma para a minha formação, em especial ao professor Lênin Garcia que me orientou e me acompanhou nessa reta final de conclusão do curso, sempre se desdobrando pra arrumar um tempo pra me orientar e me ajudar a terminar esse trabalho, obrigado professor, suas dicas, não só em relação ao trabalho, mas em relação a vida em si vão me acompanhar por toda a vida.

Agradeço à professora Sissilia pelo aceite em contribuir com este trabalho. Pelas pesquisas desenvolvidas com o CEJA Universitário e pelo trabalho coletivo desempenhado com tanta dedicação na FEFD.

Agradeço ao Professor Caio pelo aceite em ler e contribuir com essa pesquisa. Agradeço pela sua importante contribuição na formação discente na FEFD, pelas suas investidas marcantes na graduação, durante suas aulas e demais espaços formativos que desempenha com tanta intensidade e seriedade.

Agradeço também ao Laboratório Práxis, pelo espaço de estudo que me foi útil muitas vezes para as orientações e escrita do trabalho. E também a todos servidores e servidoras da FEFD pela ajuda e empenho no desenvolvimento da educação neste espaço.

As professoras das escolas campo das quais fiz estagio da faculdade, o meu muito obrigado, ver a realidade e como vocês se comportam e trabalham perante ela me deu uma extensa bagagem de conhecimento para a minha jornada como professor.

A Universidade Federal de Goiás pelo ensino de qualidade que a mim foi passado durante todo esse trajeto, me proporcionando me tornar professor.

E a todos os demais familiares, amigos e colegas que por ventura não irei lembrar o nome nesse momento, eu agradeço pelo apoio e incentivo, e até pelo não apoio também, isso mostra que a minha vontade de vencer foi maior.

Muito Obrigado!!!

O bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar com o educando o seu não saber e suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendem.
Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. CAPÍTULO 1	18
1.1 Conceitos de trabalho em MARX	18
1.2 Trabalho educativo em Saviani	21
1.3 Relação entre Trabalho e Educação	24
2. CAPÍTULO II	29
2.1 O Trabalho e a Educação de Jovens e Adultos	29
3. CAPÍTULO III	36
3.1 Tensões que Transcendem a Educação de Jovens e Adultos	36
3.1.1 Corpo, trabalho, cansaço e resistência, quando a vontade de estudar supera a necessidade de reposição da força de trabalho.	
3.1.2 Gênero, formação continuada, Educação Física, questões que entrelaçam o ensino na EJA.	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA	52
ANEXO 2 – Descrição	54

*Enquanto você sonha,
você está fazendo o rascunho do seu futuro.*

Charles Chaplin

INTRODUÇÃO

Através das vivências obtidas na faculdade durante o período de estágio, veio o interesse de estudar sobre o tema aqui apresentado, porém esse desejo com o tempo foi se esfriando, deixando assim de lado por um breve momento o tema da Educação Física na EJA. Após mais um momento de vivência e aprendizado sobre o tema em aulas de núcleo livre na faculdade de Educação, com o tema Educação de Jovens e Adultos: Metodologia, ministrada pelo Professor Dr. Carlos Cardoso Silva veio a certeza de que este tema teria que ser estudado de alguma forma.

A partir daí, após conversas com o professor orientador veio o problema de pesquisa, que seria buscar compreender como as Tensões entre o Trabalho e o Estudo afetam as aulas de educação Física na EJA. E a partir desse problema se viu a necessidade de estudo para a conclusão do curso.

Com isso traçou-se objetivos, planos e metas a cumprir para a busca da resposta do problema de pesquisa. Porém, havendo percalços pelo caminho foi-se reformulando algumas coisas para que, mesmo com os problemas, o problema de pesquisa fosse respondido. Trabalhando com autores que estudam e que já estudaram sobre o tema foi possível enriquecer de forma satisfatória o presente trabalho, pois através destes estudos, junto com o questionário aplicado houve respostas satisfatórias sendo assim possível a construção deste trabalho.

Nosso referencial teórico se baseou para responder as questões deste trabalho nos seguintes autores: Dermeval Saviani (2008), Paulo Freire (1987), Karl Marx (1978) Sonia Rummert (2000) dentre alguns outros autores que estudaram e estudam a Educação, a EJA, Educação Física e o Trabalho, servindo assim de base para diálogo na busca por resposta ao problema de pesquisa deste trabalho.

A metodologia de pesquisa seguiu os princípios de pesquisa qualitativa (ANDRÉ & LÜDKE, 1985, p. 76). O principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada.

Ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva de pesquisa que estamos desenvolvendo. Esta é, aliás, uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. (ANDRÉ & LÜDKE, 1985, p.33)

Segundo as autoras a entrevista deve ser feita com muito cuidado, principalmente em se tratando de pesquisas com entrevista semiestruturada. Não se pode adiantar as respostas, não se deve induzir a determinadas respostas. É importante um cuidado com a impessoalidade e ao mesmo tempo não devemos pensar que seja possível neutralidade na produção das entrevistas. (ANDRÉ & LÜDKE, 1985, p. 40)

Tendo em vista a condição do trabalho pedagógico durante a pandemia, realizei a entrevista por acesso remoto, com autorização de gravação e uso de imagem e de identidade da professora. Contudo, por não representar um dado relevante, e procurando preservá-la, mantive seus dados em sigilo.

Houve a proposição de uma entrevista semiestruturada com a professora de Educação Física de uma Escola de Jovens e Adultos, para assim entender um pouco mais como sob o olhar docente as tensões que estão ali no meio dos alunos da EJA afetam as aulas de Educação Física, e como os alunos reagem a isso, se prejudica ou não o aprendizado, e que forma de recusa mais se vê presente para o aluno não fazer a aula, pois isso como veremos a seguir é uma tensão bem presente na hora da aula, o aluno não quer fazer determinada atividade planejada pela professora. A entrevista está em anexo neste trabalho.

Realizei uma análise das respostas seguindo princípios de unidade dialética das mediações constitutivas do relato da professora. Ao realizar a descrição da entrevista, ouvir várias vezes as falas e ler o material de pesquisa, pude identificar as relações, os nexos afins que fazem a realidade da organização do trabalho pedagógico da Educação Física, e a questão da jornada de trabalho expressa nos corpos dos estudantes-trabalhadores.

Observando os estudos já feitos, e com as vivências durante os estágios percebeu-se que o aluno da EJA vive em um dilema que o leva a pensar sempre em estudar para buscar um melhor emprego ou trabalhar para sobreviver. Vivendo estas tensões que ainda estão a sua volta, o aluno da EJA tem grandes dificuldades para se manter estudando. Nosso objetivo aqui nesse estudo foi procurar entender como essa tensão entre estudar e trabalhar afeta as aulas de Educação Física, como o ter que trabalhar para sobreviver junto

a outras tensões afeta o aluno durante a aula, isso quando este consegue chegar a escola na hora da aula.

Sendo assim, buscando na raiz do problema a solução, ou o que se pode no momento entender como resposta ao problema, deu-se este trabalho. Não se nega o fato de que os próximos pesquisadores do tema devam ir além do que se foi possível ir nesse tema, pois com o passar dos anos as tensões mudam, os objetivos mudam, e assim se vê necessário estudar e aprofundar novamente no tema aqui apresentado.

*Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem
foram conquistadas do que parecia impossível.*

Charles Chaplin.

Capítulo 1

TRABALHO, FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO: TENSÕES INTERNAS À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ao nos depararmos com a realidade de pesquisa, a primeira categoria que se apresenta como fundamental de trato é o trabalho. Contudo existe uma diferença entre o que compreendemos no âmbito do senso-comum – e mesmo das leis e de certas produções com *status* científico – e o que seja a categoria trabalho. É um conceito apropriado de diferentes formas e por isso resultam em compreensões diferentes entre o que sejam as produções humanas: sociedade, educação, política, economia, cultura, arte, esporte, estética, etc.

Por isso faz-se uma apresentação do que se entende nesta pesquisa pela categoria trabalho, sobre educação, escola e formação humana.

1.1 CONCEITO DE TRABALHO EM MARX

Sabemos que o trabalho é o que realiza o surgimento da história da humanidade. Ao longo de processos históricos de desenvolvimento e do que poderíamos chamar de avanço das forças produtivas, tem se transformado com o decorrer do tempo, mas além disso, e talvez tão importante quanto as transformações do trabalho, também tem transformado o ser que o faz, que o produz, e que se produz no ato de trabalhar.

Todo e qualquer trabalho tem em seu interior, em sua finalidade principal suprir a necessidade de sobrevivência do ser que o faz, tornando-o assim um ser dependente do trabalho, porem ao mesmo tempo transformador deste. Pois ao mesmo tempo que se tem de trabalhar, se é capaz de reformular, aprimorar seu ser social, intelectual.

De acordo com Marx,

o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e

controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2013, p.327-8).

Tendo por base o conceito de trabalho para Marx observamos que o ser humano no começo da humanidade, que por sua vez surge junto com o trabalho age sobre a natureza, fazendo assim com que ela se transforme a seu favor, seja para sua sobrevivência ou para descobrir e aperfeiçoar suas valências, capacidades físicas, mentais. Com isso ao mesmo tempo que ele a transforma, ele também o torna um novo ser, adquirindo novas habilidades. Sendo assim capaz de se apropriar ainda mais da natureza que o permeia através do trabalho.

E uma vez apropriada e trabalhada, essa natureza que o rodeia, tem-se a necessidade de avançar ainda mais, pois a satisfação de uma necessidade social, conduz dialeticamente ao surgimento de novas necessidades de ordem superior num ciclo infinito de produções e objetivações humanas.

Pois primeiramente o trabalho, a atividade vital, a vida produtiva mesma aparece ao homem apenas como um meio para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. (MARX, 2013, p. 7).

Entendendo o trabalho como um ponto vital da vida humana, e também de transformação em relação a natureza que o constitui, observa-se que este se torna um ponto primordial, pois se constitui de relações dialética entre ser humano e natureza. Contudo, o ser humano precisa dos recursos naturais para continuar existindo, já a natureza pode prescindir da existência do ser humano que isso não lhe faria diferença alguma. Aliás, tendo esse sistema capitalista em questão, melhor seria para a natureza se o ser humano não existisse ou parasse de destruir a natureza que é indispensável à sua própria existência.

O processo de trabalho, como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso –, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza,

perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independentemente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 2013, p. 336).

Visto que o indivíduo depende da natureza para sua sobrevivência, cabe dizer também que este a usa como forma social, passível a troca de experiências para um melhor desenvolvimento e apropriação desta atividade, que por sua vez tende a ser utilizada como forma de produção para a satisfação humana, para produção de valores (objetos) de uso e troca entre as sociedades que se atem a busca de transformação e apropriação do processo trabalho-natureza.

A relação ser humano natureza se torna cada vez mais forte e social, pois pela busca do desenvolvimento, este se vê obrigado a buscar novas técnicas, novas aprendizagens para tirar o melhor dessa relação, tendo assim a troca de saberes com outras sociedades que buscam tirar o melhor da natureza para poder satisfazer suas necessidades cada vez mais específicas e as vezes até supérfluas, porém com grande busca por aprimoramento.

No processo de trabalho, portanto, a atividade do homem, com ajuda dos meios de trabalho, opera uma transformação do objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início. O processo se extingue no produto. Seu produto é um valor de uso, um material natural adaptado às necessidades humanas por meio da modificação de sua forma. O trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado, e o objeto está trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia sob a forma do movimento, agora se manifesta, do lado do produto, como qualidade imóvel, na forma do ser. Ele fiou, e o produto é um fio. (MARX, 2013, p.331-2).

O ser humano trabalhador molda e ajusta a natureza na sua forma bruta a seu favor, para suprir a necessidade, e desde esse início de pensamento em trabalhar para moldar algo a suprir sua necessidade o objeto toma forma em seu pensamento, e através disso o seu trabalho, suas capacidades físicas e materiais de trabalho incorporam o objeto, fazendo tomar a forma que antes se havia pensado, com isso o trabalho se incorpora no objeto e esse se produz obtendo assim um valor de uso as necessidades humanas.

O trabalho, desde o início na humanidade, visa moldar a natureza bruta em algo que vai tomar forma e garantir por algum tempo a satisfação humana, que, por sua vez, com a necessidade de sempre melhorar o objeto desejado, irá buscar moldá-lo ou reformá-lo para suprir a necessidade. Através do trabalho humano e da objetivação do trabalho,

atividade orientada a um fim, busca-se transpor essa matéria já formulada em algo melhor para a satisfação dos desejos.

1.2 TRABALHO EDUCATIVO EM SAVIANI

Partindo para o lado da educação que, por sua vez, está arraigada com o processo de desenvolvimento do ser social e intelectual, vale salientar que esta é a responsável por tirar o ser humano do senso-comum e elevá-lo ao patamar do melhor desenvolvimento do trabalho, pois através da educação e do aprendizado de novas maneiras de se trabalhar, sejam elas quais forem, torna o ser humano capaz pensar e trabalhar de uma forma mais desenvolvida e complexa.

Em Saviani, encontramos o que temos de melhor para definir a educação, ele a define como “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2008, p. 6). Ou seja, todo e qualquer tipo de aprendizado vem historicamente de geração para geração; o ser humano não nasce sabendo de tudo o que há ao seu redor, nem como se deram os saberes até ali aprendidos. Tudo vem através do ato educativo, o ato de produzir, o que não se atem somente aos espaços escolares, sejam eles escolas, faculdades, centros técnicos etc., mas a toda sociedade.

Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. (SAVIANI, 2008, p. 7).

O ser humano sem escolarização é como uma joia bruta que precisa ser lavada, lapidada e polida para assim se chegar ao processo que se pensa ser final, e para realizar esse processo o que lhe é ensinado, o que é a ele transmitido vai moldando, vai lhe ensinando a ser humano, como diz a citação acima vai lhe ensinando a pensar, sentir, agir, querer, avaliar. E mesmo que as vezes possa se pensar que chegou ao processo final de aprendizado deve-se repensar esse conceito, pois sempre é possível estar aprendendo mais através da transmissão do saber, do trabalho educativo.

O aprendizado que é passado fora do ambiente escolar também contribui para a formação do ser humano, pois ali é a realidade que ele vive a todo momento quando se

está fora do ambiente escolar, e isso se torna um ambiente de ensino, pois não se aprende somente na escola, mas também fora dela. A sociedade a qual o ser humano está inserido é cheia de conhecimentos tanto quanto o que se é transmitido no ambiente escolar.

[...] afirma-se que não é só através dela que se educa; educa-se através de múltiplas formas, através de outras instituições, como os partidos, os sindicatos, associações de bairro, associações religiosas, através de relações informais, da convivência, dos meios de comunicação de massa [...]. Portanto, há múltiplas formas de educação [...] a escola não é a única nem mesmo a principal forma de educar. (SAVIANI, 2008, p. 97).

Assim sendo pode-se entender que além da escola é possível se obter aprendizados de outros locais fora dela, pois o educar vai além de uma sala de aula, elevando ainda mais o ser humano a aprender múltiplas formas de educação como diz na citação acima, pois a educação é própria dos seres humanos e nos diferencia dos demais seres vivos e animais.

Ainda de acordo com Saviani,

sabe-se que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. Assim sendo, a compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana. Ora, o que diferencia os homens dos demais fenômenos, o que o diferencia dos demais seres vivos, o que o diferencia dos outros animais? A resposta a essas questões também já é conhecida. Com efeito, sabe-se que, diferentemente dos outros animais, que se adaptam à realidade natural tendo a sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. (SAVIANI, 2008, p. 11)

O ser humano necessita estar em constante mudança para adaptar o meio em que vive às suas necessidades de sobrevivência, e com o decorrer da história humana isso os diferenciou dos demais seres vivos que ao invés de mudarem a natureza ao seu favor, apenas se adaptaram a ela e a sua existência coincide com o meio natural. Os animais são a própria natureza, não produzem cultura. O ser humano é diferente, pois com a necessidade de produzir sua existência ele se viu obrigado a aprender e entender novas formas de sobrevivência dia após dia, e a educação, o trabalho educativo se realizou nesse processo de aprendizagem, de transmissão do saber.

A necessidade de transformação do meio em que vive para satisfazer suas necessidades, faz com que a busca pelo aprendizado se torne algo sem o qual o ser humano não pode existir. Sem aprender novas formas de vida não teria como a sociedade se desenvolver, e o trabalho, em sua dimensão educativa é inerente e imprescindível a

este processo, porque transformando a natureza em mundo humano, ele está transformando-a para si, o diferenciando dos demais seres vivos, o que torna a educação própria dos seres humanos.

Assim, o processo de produção da existência humana implica, primeiramente, a garantia da sua subsistência material com a consequente produção, em escalas cada vez mais amplas e complexas, de bens materiais; tal processo nós podemos traduzir na rubrica “trabalho material”. Entretanto, para produzir materialmente, o homem necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais. Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte). (SAVIANI, 2008, p. 11-2)

O conhecimento produzido no ato do trabalho educativo está antes de tudo arraigado nas representações do mundo real como diz o texto, pois antes de se fazer qualquer tipo de trabalho, antes de se mover para qualquer ação, tende-se a pensar no que se vai fazer no que vai produzir, e esse pensamento aprendido pelo processo educativo buscando algo real está associado aos aprendizados que vieram evoluindo junto a existência humana, aprendizados estes ligados a ciência, ética, artes.

Esse trabalho não-material que é ligado a educação, ao pensamento está associado a “produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana”. (SAVIANI, 2008, p.12)

O fato de falar na socialização de um saber supõe um saber existente, mas isso não significa que o saber existente seja estático, acabado. É um saber suscetível de transformação, mas sua própria transformação depende de alguma forma do domínio deste saber pelos agentes sociais. Portanto, o acesso a ele impõe-se. (SAVIANI, 2011, p. 68)

Todo saber existente advindo junto da sociedade com o decorrer do tempo é suscetível de transformação, e isso é essencial para que se aprenda novas formas de transmissão, de se educar, de se aprender a fazer ou refazer, de moldar a natureza a suprir as necessidades mais atuais do ser humano.

Para que isso se torne possível às novas gerações através da educação transmitidas não só pela escola, mas pela sociedade que a constitui tende a buscar

aprender, pois ela precisa se impor a buscar também através da busca pelo saber, reorganizar aquele pensamento, pois todo saber aprendido é possível ser transformado para algo melhor, podendo resultar assim numa melhora da sociedade contemporânea.

1.3 RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO

Sabendo que o trabalho, a transformação da natureza para suprir as necessidades humanas está intrinsicamente junta ao pensamento, a educação, ao trabalho educativo, é necessário, nesse momento, fazer uma relação entre essas duas dimensões estudadas até aqui, como podem se relacionar, como uma se realiza na outra e se dispõem ao desenvolvimento mútuo. Para isso iremos trazer o pensamento de alguns autores para poder buscar fazer essa relação.

Na sociedade capitalista o trabalho será subsumido à geração de lucros. Toda a potencialidade que o trabalho possui, será cindido pela propriedade privada, e sendo a principal força produtiva geradora de lucros, estará submetido à apropriação da burguesia enquanto classe social. Neste momento histórico, a escola emerge como instituição responsável por garantir parte desse modo de produção.

Mariano F. Enguita, em seu livro sobre *A Face Oculta da Escola* (1989), nos traz a seguinte fundamentação sobre a relação trabalho e educação:

no fragor do processo de industrialização e de resistência ao mesmo, a escola adotou como um norte a preparação de crianças e jovens, para constituir uma mão de obra assalariada disposta, dócil e manejável. Provavelmente a ideia da desapareição da pequena burguesia, ou seja do trabalho autônomo para o mercado, não foi simplesmente uma dedução da teoria marxiana, mas também um componente da visão do futuro dos reformadores da escola nesse período. (ENGUITA, 1989, p. 219)

Podemos observar que no processo de início da industrialização a escola em sua suma importância enquanto instituição de ensino, buscou preparar jovens e crianças para o mercado de trabalho, e essa preparação como se vê era baseada em formá-los em mão de obra “disposta, dócil e manejável”, que pudesse cumprir com o que se pedia o mercado de trabalho em processo de desenvolvimento, e também tomando isso como um ponto de visão do futuro que estaria por vir. A escola tinha por objetivo educar ao trabalho, fazer-se ter compromisso com horário, dias de trabalho, compromisso em estar no trabalho.

Isso se deu pelo fato de a industrialização estar avançando e a população que antes se distribuía aos trabalhos agrícolas, agora diante dessa nova fase se viu propícia a ter que aprender essa nova forma de trabalhar.

E a escola na sua forma de organização remetia a esses jovens e crianças essa educação ao trabalho, sua função social era primordialmente familiarizá-los a esse novo modo de trabalho assalariado, que chegou junto à industrialização e caracterização da sociedade em sociedade capitalista. Com o surgimento da sociedade de classes, desenvolve-se a escola e com este desenvolvimento haverão escolas destinadas a servirem uma e outra classe social.

A escola é ao mesmo tempo desvalorizada e hipertrofiada, e também ampliada e esvaziada, porque a partir do momento em que a humanidade é dividida em classes, surge a escola, com essa divisão, colocando as pessoas em posições antagônicas, com uma classe que explora, e outra que domina. Mas a escola que é defendida pela sociedade burguesa, aquela universal, gratuita, obrigatória, leiga e para todos, acaba sendo contraditória, porque era destinada às elites, tendo a base de sua formação o trabalho intelectual. Já a escola destinada às massas, apenas se limitam à escolaridade básica, com o objetivo de promover as habilidades para a formação profissional. (SAVIANI, 1996, p.159).

Após surgir o capitalismo na sociedade a relação entre trabalho e educação deixa de ser natural e passa a ser mais social, através do que intitulavam o contrato de social, o trabalhador passa a ter a liberdade em suas mãos para poder vender sua força de trabalho, e a escola engrenado ao trabalho educativo entra em cena para poder através do ensino “civilizar” essas pessoas ao que seria um trabalho mais formal, diferente daquele que se fazia anteriormente, transformando-as em cidadãos que vivem em sociedade. Por isso ela se torna importante para a sociedade burguesa e moderna.

Embora tivéssemos um discurso de que a educação deveria ser a mesma para todas as pessoas, sabemos claramente que essa é uma defesa de mera retórica, pois essa educação que visava mais a formação intelectual era voltada mais as elites, já o ensino básico voltado a formação profissional era destinado a escola das massas, da grande maioria da população, que aprendia o básico para poder conseguir trabalhar.

A educação tem um papel fundamental para a evolução do capitalismo, promovendo desigualdades entre as nações e grupos sociais. Essa materialização ocorre por meio da educação profissional, inculcando nos seus frequentadores que para eles conseguirem um emprego precisam se tornar cidadãos produtivos, adaptados, adestrados e

treinados. E assim, a educação acaba sendo caracterizada “pelo viés economicista, fragmentário e tecnicista” (FRIGOTTO, 2008 p. 10).

Com a educação as pessoas têm mais possibilidades de aprender mais sobre os novos mecanismos de trabalho que as cercam, sendo assim capaz de entender melhor como funciona e de adaptar melhor ao mercado de trabalho, por isso o ensino igualitário a todos proporciona uma melhor competição no mercado de trabalho digamos assim, pois não fica somente voltado para o ensino intelectual e outro para o técnico profissional. Pois quanto mais conhecimento, melhor se pode desenvolver seu trabalho.

Por isso com o surgimento do capitalismo a concorrência pelo mercado de trabalho se tornou mais forte, fazendo com que o homem tivesse que buscar mais aprimoramento, mais instrução para poder se encaixar no mercado de trabalho. E assim a escola com o viés de transmitir o conhecimento científico define seu papel na sociedade, com a busca de tornar as situações mais igualitárias a todos na sociedade.

Embora nas sociedades contemporâneas sob a hegemonia do capital o ato de educar e o ato de produzir sejam tomados em locais distintos e instituições específicas (a escola/universidade e o local ou atividade de trabalho), considero que estas duas esferas da sociabilidade são interdependentes. Na minha compreensão, a relação que deveria haver entre elas não deveria ser a subordinação ou redução da escola ao que requer a produção (na educação usualmente dirigida aos trabalhadores, diz-se vamos formar para o trabalho, ou vamos formar para o mercado), nem deveria ser de dissociação (quando normalmente se faz uma cultura letrada às elites), mas de integração entre trabalho e educação. Isso, óbvio, é uma questão complexa e tem a ver com o modelo de sociedade vigente e, sobretudo, com a necessária distinção entre considerar o trabalho em sua dimensão ontológica, atividade mediadora entre o ser, os demais e o meio, pela qual se constroem as condições materiais e intelectuais da vida, ou considerar o trabalho em sua dimensão reduzida e subordinada à sociedade capitalista, reduzido à mercadoria força-de-trabalho mediante consumo em profissão e determinado emprego. (DOMINGOS L. 2010, p.90)

A escola deve se voltar ao ensino igualitário, não só uma educação que seja direcionada apenas para o mercado de trabalho, ou apenas a aprender o básico, (ler, escrever, fazer contas), e outra para a produção intelectual, até porque as duas não se separam, estão intimamente ligadas. É necessário se pensar que tanto o aprender intelectual, quanto os aprendizados básicos são e sempre serão constituintes da formação básica do ser humano, não se pode dizer formação plena, pois mesmo com todo aprendizado que uma pessoa possa ter e achando que não dá para aprender mais, ela ainda pode se superar e aprender novos conhecimentos.

A sociedade burguesa sustenta que a educação é o antídoto para quase todos os problemas sociais. A educação seria ainda a alavanca necessária para o desenvolvimento econômico do país. Entretanto, o pensamento crítico permite compreender que, sem a superação do modo de produção capitalista, não se terá educação de qualidade, tampouco haverá ampliação dos postos de trabalho por intermédio do acesso à escola (GALVÃO, 2007, p.187).

Já para Alves,

a educação ou aquisição (consumo) de novos saberes, competências e credenciais, apenas habilitam o indivíduo para a competição, num mercado de trabalho cada vez mais restrito, não garantindo, entretanto, sua integração sistêmica plena (e permanente) à vida moderna. Enfim, a mera posse de novas qualificações não garante ao indivíduo um emprego no mundo do trabalho (ALVES, 2007, p.7).

A educação que é apresentada como igualitária a todos tem seus dilemas, pois na sociedade burguesa ela se difere, e tem ensinamentos contrários ao que prega, fazendo assim com que seja ensinado de diferentes formas as classes que atende, e mesmo as vezes com um cidadão que consegue romper com os processos de educação e entrar no mercado de trabalho, não se tem uma garantia das promessas que ilusoriamente são feitas.

É impossível garantir, dentro do capitalismo que acesso a educação signifique chance de um trabalho (formal ou informal) condizente com o estudo que teve. Como diz um dos textos acima: é preciso romper, superar o modo de produção capitalista para assim se conseguir uma educação de qualidade, que atenda a todos da mesma forma e desenvolva o sujeito, o tornando capaz de viver, trabalhar, se relacionar em sociedade.

Poderíamos pensar inclusive que, nessa sociedade, a classe trabalhadora age trabalhando, mas com farrapos do que seja o trabalho em toda sua dimensão humana possível. Embora seja também verdade que para alcançar postos de trabalho, ou emprego, mais elevados nessa sociedade, seja necessária aquisição de uma educação formal mais complexa. Existem lugares na sociedade burguesa, que para a classe trabalhadora ocupar, se faz necessário maiores estudos e uma trajetória escolar mais elaborada.

Independente de qualquer argumento contrário, temos que reconhecer que alguém à margem da escolarização não pode (e nem mesmo o sabe) aceder ao status de cidadão na sua plenitude. Seus direitos, mesmo que em tese sejam iguais aos dos outros, na prática serão mais escassos. O acesso pleno à educação é, sem dúvida, o passaporte mais seguro da cidadania, para além de uma sobrevivência mínima, à mercê do destino, da fatalidade enfim (AQUINO, 1996, p.48).

Como vimos apesar de todos dilemas e dificuldades, a escolarização ainda é a melhor forma que se tem de garantir um futuro melhor, mesmo que as vezes não seja da forma desejada, que não seja igual para todos, como diz o texto a educação é a garantia da chance de se lutar por uma situação melhor de sobrevivência, a que podemos chamar também de “cidadania”, pois mesmo não sendo garantia de um bom emprego, o conhecimento adquirido tem o potencial de nos tornar seres pensantes, capazes de mudar a sociedade em que vivemos, e pensar criticamente a nosso respeito, porque o conhecimento usado a favor do desenvolvimento pleno do ser humano se torna poder.

A relação trabalho e educação desde o princípio é algo a se colocar como interligadas, pois uma depende da outra, não existe trabalho sem educação e não existe educação sem trabalho. Como já vimos anteriormente para se produzir (trabalhar) é necessário ter em mente algo planejado, e isso se dá através da educação, com o que se foi aprendido, seja na escola com toda sua dualidade instaurada ou o conhecimento advindo da sociedade em que se vive, fora dos muros, paredes, cercas dos centros de ensino. A educação em sua ampla forma de saberes traz ao ser humano liberdade do comum, traz ascensão ao pensamento crítico e o dever de buscar transformar o meio em que vive, e isso envolve o trabalho seja ele na sua forma profissional ou intelectual, pois estes estão ligados e propícios ao desenvolvimento.

O ser que se faz social, que trabalha, é capaz de se construir pessoalmente, ser sujeito de sua produção material e intelectual, por isso é importante que a educação seja igual a todos, que busque trazer conhecimentos que vão não só educar para o trabalho, mas intelectualmente também e assim mesmo com todas as condições históricas e sociais que o cidadão passe, ele seja capaz de desenvolver novas habilidades, novos conhecimentos que o torne sujeito pensante, crítico e podendo assim buscar ser transformador da sociedade em que vive.

O trabalho e a educação como já dito anteriormente estão intimamente ligados, um se produz no outro, por isso se faz necessário refletir sobre isso, como cada um se deu, como refletem e são capazes de transformar a sociedade, pois tudo é passível de transformação através do trabalho e da educação.

*Nada é permanente nesse mundo cruel.
Nem mesmo os nossos problemas.*

Charles Chaplin.

Capítulo 2

TENSÕES ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO DOS (AS) TRABALHADORES (AS) DA EJA

2.1 O TRABALHO E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Percebe-se a necessidade de um aprofundamento na relação entre educação e trabalho, pois como já sabemos o aluno de EJA tem essa dupla jornada a cumprir todos os dias, nesta tensão permanente, o trabalho que é seu “ganha pão” acaba assumindo prioridade.

Frigotto (2001) no livro *Capitalismo, Trabalho e Educação*, traz a seguinte ideia de Marx “sob o capitalismo não se libera tempo de efetiva liberdade para o desenvolvimento” (2002, p.). Isto significa que no capitalismo não existe liberdade real. A pretensa liberdade que existe tem como finalidade a reprodução dos fundamentos do capitalismo.

O que o sistema do capital quer com essas liberdades ilusórias (que são pregadas como tempo livre, tempo de estudo, tempo de se formar) é gerar mais mercadoria, assim até a liberdade é uma mercadoria.

Ainda assim, mesmo essas liberdades ilusórias estão cada vez mais escassas nesses tempos mais atuais do capitalismo. Cada vez menos trabalhadores tem tempo de estudar, de descansar, ainda que seja para reproduzir o sistema capitalista. Com isso, contraditoriamente, observa-se que ao mesmo tempo em que o sistema capitalista requer maior qualificação da força de trabalho, a possibilidade de o trabalhador estudar para se especializar é um limite histórico, já que na jornada de trabalho, estudar e trabalhar é um ato de resistência.

E assim é o aluno de EJA, ao mesmo tempo em que trabalha, na mesma jornada, se esforça para estudar e atender às demandas do mercado, porém, como vimos, por precisar sobreviver também ao mesmo tempo, os estudos acabam sendo deixados de lado, ou são realizados de forma precária, sem condições, porque a atividade do trabalho se

torna mais forte na vida destas pessoas que trabalhando, se cansam, adoecem, se tornam indisponíveis para o estudo etc.

Seguindo com Frigotto (2002, p.63), temos a seguinte argumentação:

Diferente do animal, que vem regulado por relações causais, programado por sua natureza, e por isso não projeta sua existência, não modifica, mas se adapta e responde instintivamente ao meio, os seres humanos criam e recriam, pela ação consciente do trabalho, sua própria existência. (LUKÁCS, 1978). O trabalho humano, enquanto atividade consciente, não é de caráter causal, mas teleológico. Engendra, por isso, opção, escolha e liberdade. (FRIGOTTO, 2002, p. 63)

Essa liberdade de escolha que caracteriza a espécie humana, no sistema capitalista é recortada. Significa que para o aluno de EJA, o estudo não é uma escolha que se faça com liberdade. Ela é feita por necessidade imposta, que nesse caso não parte da vontade livre do sujeito, pois se caso o aluno escolhe estudar fica com fome, mora na rua dentre outras coisas, e se escolhe trabalhar às vezes corre o mesmo risco de ir para “o olho da rua”, pois o mercado de trabalho sempre busca o profissional mais qualificado, e como o aluno de EJA muitas vezes tem ou teve esse direito negado, acaba ficando fora desse grupo qualificado para o mercado de trabalho, aceitando assim qualquer outra forma ganhar dinheiro para sobreviver, aceitando qualquer tipo de trabalho, mesmo sendo o mais precário existente.

Corroborando essa tese, Frigotto traz uma citação de Marx:

os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. (MARX, 2011. p. 25).

E continua com suas próprias palavras,

as condições não escolhidas se referem a um conjunto de determinações que produziram uma determinada estrutura e superestrutura social que nos condiciona. Não se trata, porém, de uma estrutura e superestrutura produzidas por uma causalidade relacionada às forças da natureza, mas de um processo teleológico tecido nas relações de força ou de poder entre os próprios seres humanos. (FRIGOTTO, 2002, p. 63).

Embora, nesta sociedade, apregoa-se a liberdade como sustentação do seu funcionamento, na verdade, as relações de produção, implicam uma condição herdada e em constante reprodução, em que a classe trabalhadora, a cada ciclo de desenvolvimento histórico das relações econômicas, menos pode escolher e mais tem a cumprir como

requisitos mínimos para continuar sobrevivendo. Contraditoriamente, o capitalismo requer sempre mais especialização da força de trabalho. Esta tensão é permanente.

Com isso a classe que tem mais poder para subordinar ou privar a outra, obtém maiores vantagens. Nesta luta desigual, encontramos o aluno de EJA, que teve o direito privado do estudo, por precisar trabalhar, com defasagem entre idade e escolaridade, quando buscar maior qualificação para acompanhar as demandas do mercado de trabalho, será privado novamente, ou desistirá, pois a dupla jornada entre estudo e trabalho é extremamente desgastante. Nesta tensão, o trabalhador elege aquela que “põe o pão na mesa” e garante “o teto sobre a cabeça”, pois essa dupla jornada do corpo de certa forma deteriora aos poucos o sujeito que busca melhores condições de vida.

De certa forma, a EJA se caracteriza por ser:

Uma educação política e pedagogicamente frágil, fortemente marcada pelo aligeiramento, destinada, predominantemente, à correção de fluxo e à redução de indicadores de baixa escolaridade e não à efetiva socialização das bases do conhecimento. É comprometida com a permanente construção e manutenção da hegemonia inerente às necessidades de sociabilidade do próprio capital e não com a emancipação da classe trabalhadora. (RUMMERT; VENTURA, 2007, p. 33)

Tal fragilidade da Educação de Jovens e Adultos é real tão somente enquanto uma perspectiva de classe para os trabalhadores, pois a sua característica “frágil”, é correspondente à força que a burguesia imprime no seu projeto histórico. O aligeiramento, a correção de fluxo com a redução dos indicadores de baixa escolaridade, a negação das bases do conhecimento são os fundamentos do projeto da burguesia para a EJA. Essas são as pilastras de sustentação da EJA enquanto uma oferta educacional sintonizada aos objetivos sociais da classe que detém o poder nesta sociedade. Essa é a marca histórica da EJA na sociedade brasileira.

Desta forma, dispersa em diferentes órgãos governamentais, realizada sob a forma dos mais variados programas e projetos, uma “nova” identidade da EJA vai se forjando na década de 1990. Passa a apresentar-se de forma mais ampla, mais fragmentada e mais heterogênea. Tais características, entretanto, não alteram sua marca histórica. (RUMMERT; VENTURA, 2007, p. 33)

Assim sendo esses cursos que são oferecidos de forma aligeirada de nada acrescentam (ou acrescentam muito pouco), nem emancipam essa classe de jovens trabalhadores, pois como vemos esses cursos, programas criados, nada mais são do que para corrigir o fluxo e os baixos níveis de escolaridade, mas que de nada ajudam o jovem

na sociedade em que vive, apenas o faz aprender algo para que se insira, mesmo que precariamente no mercado de trabalho que o capital oferece para conseguir sobreviver.

O que se esperaria com esses cursos e com essa reorganização da Educação de Adultos em Educação de Jovens e Adultos (especialmente na LDB 9.394/1996) é que a EJA como direito e como modalidade teria um financiamento próprio e tendo recursos próprios pela Lei do FUNDEB, poderíamos alavancar o seu desenvolvimento no Brasil de forma mais consistente. Mas conforme os estudos de RUMMERT; VENTURA (2007), isto não aconteceu e mesmo nos governos ditos de “esquerda”, certas promessas não se materializaram na realidade das escolas. O que se teve foi a reiteração de programas de educação de jovens e adultos sem uma efetiva educação emancipadora.

Mantendo o foco na discussão entre as relações de trabalho e educação, tem-se a contribuição de Kuenzer:

o novo tipo de produção racionalizada demandava um novo tipo de homem, capaz de ajustar-se aos novos métodos da produção, para cuja educação eram insuficientes aos mecanismos de coerção social; seria necessário articular novas competências a novos modos de viver, pensar e sentir, e que fossem adequados aos novos métodos de trabalho caracterizados pela automação, ou seja pela ausência de mobilização de energias intelectuais e criativas no desempenho das tarefas. (KUENZER, 1985, p. 52)

Sendo assim como vemos até aqui a relação educação e trabalho se dá de forma intrínseca. Uma educação de qualidade exige tempo e esforço, mas a sociedade capitalista e as várias formas de trabalho tiram esse tempo e esforço do aluno da EJA, ou o faz escolher entre os dois, e mesmo que o aluno ainda insista nessa dupla jornada, as condições para completar os estudos não estão garantidas, e portanto, nem a mera certificação é um horizonte claro. Acresce-se ainda, que:

o caráter de amenização das tensões sociais e dos impasses inerentes à lógica do sistema parece ser uma das funções cumpridas, atualmente, por diferentes programas destinados a jovens e adultos trabalhadores, como vimos, ainda hoje sem lugar próprio no cenário educacional brasileiro. (RUMMERT; VENTURA, 2007, p. 40)

No seu modo de produção capitalista a educação de jovens e adultos vem sendo tratada como já dito anteriormente, apenas como produtora de mão de obra pouco qualificada, através dos programas de ensino aligeirados onde uma grande parcela da população fica à mercê de uma escolarização, de um ensino adequado e é levada a se

conter apenas com mecanismos de certificação, onde é de mais valia aprender a manusear algo do que questionar, opinar, criticar, viver plenamente.

O caráter utilitarista e empobrecido da concepção de educação proposta para os jovens e adultos brasileiros está amplamente coerente com a opção de sermos uma economia inserida no mercado mundial de forma associada e subordinada às nações centrais, posição que nos coloca predominantemente ligados às atividades econômicas *neuromusculares*, as quais necessitam de pouco investimento em educação. Trata-se de uma concepção de educação para jovens e adultos trabalhadores restrita às necessidades do modelo societário do capital, que nos coloca, predominantemente, como consumidores e não como produtores de tecnologia. (RUMMERT, VENTURA, 2007, p. 41)

A educação no capitalismo como apontam as autoras toma um sentido de apenas educar para o trabalho informal, ou trabalho precário, pois como já sabemos para um trabalho de alto nível, com altos ganhos é necessária qualificação adequada, o que é negado, privado aos estudantes de EJA. Buscando de certa forma uma “inclusão social” com esses alunos através desses programas, levando-os a se inserir mesmo que de forma precária no mundo do trabalho, fazendo o capitalismo se desenvolver, e como as autoras argumentam: nos tornando “consumidores e não como produtores de tecnologia”.

Uma educação de qualidade que deveria ser ofertada a esses jovens trabalhadores seria uma educação que os tornasse sujeitos pensantes, capazes de resolver problemas, propor ideias, conceitos, valores, atitudes que os tornam além de trabalhadores, seres humanos capazes de transformar o meio em que vivem, pois o aprender apenas para o trabalho se torna algo incompleto para quem busca se livrar das correntes que o prendem ao capital, se é necessário sair da automatização, rompendo com dilemas sociais, e buscando na educação elementos necessários a formação humana e não somente a educar para o trabalho. Mas como podemos observar através dos textos, o que é ofertado, é o mais simples, e como já afirmado acima, são ofertados cursos que de forma limitada, apenas instrua o jovem adulto trabalhador, para o precário exercício do trabalho, que ele aceita, mesmo necessitando de algo superior, pois a sobrevivência é o que está em causa.

A produção humana não pode ficar restrita somente a produção imediata da existência, mas à totalidade do que envolve a existência humana. Nesta esteira, seria ofertado um ensino onde se desenvolveria as capacidades, as valências humanas por completo, o que seria a formação omnilateral, que é a ideia que Manacorda nos traz no livro sobre a Pedagogia moderna de Marx:

A omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho. (MANACORDA, 1964, p.89-90)

Assim buscando a formação omnilateral do ser humano, o ensino deixaria de ser unilateral que é o que podemos perceber hoje em dia, onde, devido a influência do capitalismo se busca formar o ser humano apenas para um tipo de mercado, ou um tipo de especialização, onde se aprende determinadas coisas para apenas um tipo de serviço.

Por exemplo, se uma pessoa aprende a consertar apenas a perna de um óculos, ela irá ficar nesse emprego o resto de sua vida, não irá buscar ver seu serviço além daquilo, por isso se torna importante formar um ser capaz de ver além daquilo que é seu próprio trabalho, que se preocupe não só apenas em consertar a perna de um óculos, mas também a fazer um óculos, e entender todos os processos que são feitos para poder chegar até o produto finalizado, trabalhando a omnilateralidade formasse-a uma pessoa capaz de buscar entender o mundo a sua volta e como ele funciona, sendo assim possível transformá-lo, modificá-lo.

Em artigo sobre a Educação da Classe Trabalhadora, Rummert, Ventura e Algebaile (2011) trazem o seguinte argumento:

Na atual forma histórica de dualidade educacional, o elemento novo é constituído pelas ofertas educativas que propiciam possibilidades de acesso a diferentes níveis de certificação, falsamente apresentados como portadores de qualidade social igual a das certificações às quais têm acesso as burguesias. Obscurece-se assim, cada vez mais, o fato de que não há, efetivamente, ações destinadas à elevação igualitária do nível educacional da classe trabalhadora em sua totalidade. (RUMMERT; ALGEBAILLE; VENTURA, 2011, p.723)

Observamos aqui que a educação é ofertada de diferentes formas a níveis de sociedade, pois a classe trabalhadora, recebe a educação restrita à certificação, o que é apresentado falsamente à sociedade como as mesmas certificações das quais a classe burguesa pode obter, tendo assim uma dupla forma de ensino, disponibilizando a cada um, a cada classe uma educação a qual o capital quer, onde para a classe trabalhadora se oferta o ensino para a mão-de-obra pouco qualificada, voltada ao trabalho informal, subemprego, e para a classe burguesa uma educação de qualidade superior, para formar dirigentes.

Essa dualidade nas formas de ensinar, é um prejuízo à classe trabalhadora, numa sociedade que apregoa igualdade entre as pessoas acaba por desenvolver práticas desiguais que privilegiam uns, e deixam de lado outros, fazendo parecer através de suas formas de ensinar precárias que o mesmo ensino é garantido a todos, o que é falso.

O caráter de classe da educação burguesa manifesta-se num duplo aspecto. Em Primeiro lugar, pelo fato de que a educação, que supostamente deveria servir todos os homens, só é concedida aos filhos da burguesia. A educação não é um elemento de igualdade social; é, pelo contrário, um elemento de hierarquia social burguesa moderna. Em segundo lugar, o caráter de classe do ensino burguês manifesta-se ao transformar o ensino num instrumento supostamente eficaz da “renovação social”. Em todas as ocasiões em que a burguesia se vê forçada a reconhecer que as relações capitalistas são inadequadas, tenta demonstrar com “argumentos educativos” que são inadequadas, porque os homens não são bons e que estas relações melhorarão quando os homens se tornarem melhores. (SUCHODOLSKI, 2010, p. 60)

A classe trabalhadora que luta para conseguir uma educação de qualidade, busca também em sua agenda histórica transformar as desigualdades que são a base que sustenta a sociedade moderna atualmente, onde as melhores condições tanto de trabalho, como educação se concentra nas mãos de poucos, gerando assim uma grande desigualdade mundial que assola o mundo em que vivemos.

E se o ensino que dizemos ser de “qualidade” está caminhando para traz, o ensino disponibilizado aos alunos de EJA tem sido afetado de forma mais contundente, , pois o ensino da classe trabalhadora, que por sua vez tem a dupla jornada de trabalho e estudo, vem sendo cada vez mais bombardeado com educação aligeirada, pouco qualificada e sem nenhum viés de desenvolvimento pleno do aluno que o faz, ou pelo menos busca fazer quando o capital através do trabalho o tira o direito, aumentando a sua jornada de trabalho, impossibilitando que este estude na mesma jornada, ou forçando este a escolher trabalhar e comer, ou estudar e ficar com fome como já expunha Ivonete Silva (2004) em sua dissertação sobre a EJA.

*Mais do que máquinas precisamos de humanidade.
Mais do que inteligência precisamos de afeição e doçura.
Sem essas virtudes a vida será de violência e tudo estará perdido.*

Charles Chaplin

Capítulo 3

TRAMAS ENTRE ESTUDO, TRABALHO E A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR NA VIDA DA CLASSE TRABALHADORA

3.1 TENSÕES QUE TRANSCENDEM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Após realizar a entrevista com a professora da EJA se viu necessário a análise dessa entrevista, para assim destacar pontos relevantes que possam responder ao problema de pesquisa proposto no começo deste trabalho, e também relacionar essas falas a autores que falam sobre o assunto. Lendo a entrevista e buscando levantar pontos que definam o trabalho da professora, podemos também trazer pontos relevantes que nos mostram que o trabalho docente na EJA tende ser um trabalho diferente dos demais, pois a forma de ensinar deve buscar relacionar-se com as experiências de vida que o estudante da EJA traz consigo, para assim o conteúdo ensinado se tornar mais fácil de ser aprendido pelo aluno.

Para melhor expor o real apreendido, fez-se a divisão das categorias explicativas em duas dimensões, a primeira diz respeito à realidade da Organização do Trabalho Pedagógico em Educação Física na EJA, e a segunda diz respeito aos processos de constituição recíproca entre mediações sociais do trabalho e o itinerário escolar dos estudantes da EJA.

3.1.1 Corpo, trabalho, cansaço e resistência, quando a vontade de estudar supera a necessidade de reposição da força de trabalho.

Nas falas da professora entrevistada pode-se observar que ela destaca pontos importantes que acontecem na EJA, dentre os quais iremos discorrer sobre o cansaço devido ao trabalho nesse primeiro momento. Sabemos que o aluno da EJA em sua jornada dupla diária de trabalho e estudo sofre com o desgaste físico e mental, e isso as vezes afeta seu aprendizado na hora dos estudos, porém relacionando a educação física que é o

nosso campo de estudo, eles têm esse momento como hora do relaxamento, pois na hora da aula de Educação Física como aponta a professora na fala a seguir, ela percebe pela fala destes que é um momento de deixar os problemas de lado, a vergonha, o medo e aprender praticando a aula.

[...]outro motivo é quando o estudante está um pouco cansado do trabalho, se bem que assim isso não é uma coisa que afeta muito, porque as aulas não são muito extensas, não tem muita intensidade, no que se refere a questão do desempenho físico, mas é eventualmente eles dizem isso que estão cansados e tal, mas em contra partida muitos fazem ao contrário, dizem que como estão muito cansados vão participar pra poder relaxar, geralmente é um momento que eles aproveitam, que eles gostam, mas é claro que tem a queixa de alguns que estão em um momento mesmo de muita fadiga do corpo da mente, mas como eu disse muitos aproveitam disso pra ter um momento de relaxamento [...]. (Entrevista)

Observamos na fala da professora como explicitamos acima que o desgaste, o cansaço devido ao dia inteiro trabalhando as vezes se torna algo que possa impedir o aluno de realizar a aula, porém alguns tem o momento como parte de um relaxamento do corpo, que pelo trabalho árduo que lhe é imposto a fazer durante o dia para poder sobreviver faz com que o corpo canse não só fisicamente como mentalmente também.

Porém mesmo assim este ainda traz seu corpo cansado para a escola pra assim buscar conhecimento, e refletir sobre o que se está aprendendo, por isso a aula nesse momento deve ser bem organizada e fundamentada para que o aluno desenvolva o pensamento crítico e a vontade de buscar por leis que lhe ofereça nos estudos um alívio do trabalho braçal, para que assim se possa desenvolver melhor o intelectual, que assim o corpo cansado não o impeça de aprender e o aluno se desenvolva no aprendizado do conteúdo e no pensamento crítico sobre sua situação na sociedade.

O professor nesse momento deve entender a seriedade que tem a sua função para o aprendizado do aluno, pois ele sabendo dessa dupla jornada, e das experiências vividas que são levadas em conta na hora de organizar os conteúdos, deve organizar suas aulas de forma com que estes alunos aprendam, pois o educador que se apropria e estabelece uma boa ligação com seus alunos está a um passo a frente de obter melhores resultados no ensinamento do conteúdo.

Ele deve entender que o processo do educar é de duas vias, ou seja ele tanto ensina como também aprende com seus alunos como aponta Paulo Freire em seu livro pedagogia do oprimido:

a educação autêntica, repetamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. Um dos equívocos de uma concepção ingênua do humanismo está em que, na ânsia de corporificar um modelo ideal de “bom homem”, se esquece da situação concreta, existencial, presente, dos homens mesmo. (FREIRE, 1987, p.87)

Sendo assim, entendendo que o ato de educar é uma via de mão dupla onde um aprende com o outro o educador deve saber mediatizar o conteúdo de forma com que ensine a aprenda ao mesmo tempo, ensinando assim os vários conteúdos e visões de mundo que é possível se obter não só com a educação física, mas com qualquer outra disciplina na escola.

E nossa professora entrevistada, pelas experiências já vividas na EJA mostra que já entendeu seu papel no ato de educar e incentivar o aluno, pois em uma de suas falas pode se observar que ela estabelece bem uma relação com seus educandos, de modo com que através do incentivo ela consegue fazer com que o aluno rompa as barreiras do medo, e supere a si mesmo durante a aula, e podemos observar isso na seguinte fala:

[...] alguns tem vergonha, muitos tem vergonha na verdade, é, eu me lembro até de uma aula com arco, já que você comentou que lembrou do arco, lembro de uma aula do arco, que uma aluna comentou assim, “professora eu estava com vergonha de fazer essa aula, porque eu achei que ia ser péssima, que ia dar vexame aqui e tal” e aí eu incentivei e ela acabou acertando no meio e foi uma coisa assim que ela ficou impressionada que ela podia fazer isso, e era uma senhora, que ficou muitos anos sem estudar, que se casou muito cedo, que deixou os estudos por conta da família, tem muitas assim, vejo muitas donas de casa que ficam assim ainda temerosas, ficam com vergonha [...]. (Entrevista)

Observamos nessa fala que por estabelecer uma boa ligação com seus alunos e assim incentivá-los o educador consegue como já mencionado, fazer com que o educando rompa as barreiras do medo, mesmo que ainda se tenha vergonha ou receio, o incentivo e apoio do educador faz que o aluno se sinta importante no processo do educar, fazendo assim que este supere seus medos e se desenvolva não só em relação ao conteúdo das aulas, mas na vida ao todo. Freire (2010, p. 113, grifos nossos) descreve que “[...] o educador que escuta, aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. O educador que se coloca ao mesmo nível do aluno e entende que também pode aprender com ele, logo adquire a confiança desse

aluno, que vê o professor não só como um mediador do conhecimento, mas como uma pessoa que está disposta a entender e aprender com ele.

Em outra fala da professora podemos observar que ela se dispõe de vários métodos para fazer com que o aluno tanto participe da aula, como também seja avaliado durante o processo de aprendizagem do conteúdo.

Como eu disse eu tento incentivá-los, tento deixar aqueles momentos atrativos, se eu vejo que tem algum problema na atividade, que a gente sempre planeja uma atividade de uma forma, quando vai executar não dá certo, eu tento, é, mudar alguma coisa na atividade, tento adaptar, improvisar, mas quando isso não dá eu não forço também sabe, eu não forço a participação, principalmente nas aulas práticas, inclusive eu tenho assim, outra coisa e eles legalmente também não são obrigados a fazer a aula prática, o aluno do noturno por exemplo não é obrigado a fazer a aula prática, então eu tenho sempre uma atividade teórica que é uma alternativa que eu já falo no primeiro dia de aula pra eles, que eles tem essa possibilidade, esse direito de fazer essa atividade teórica, então enquanto aqueles alunos estão fazendo a parte prática, eles tem a necessidade de fazer essa atividade teórica caso eles não façam a prática e me entregar ao final da aula, então essa é uma forma que eu entendo que posso incluir esse aluno no tema que está sendo trabalhado, nessa atividade que assim que vai ser relacionada aquilo que a aula prática está trabalhando e é isso que eu faço, que nesse tempo que eu tenho trabalhado foi isso que eu achei como opção, mas assim a maioria acha melhor fazer a prática porque a atividade que eu proponho ela é corrigida, então as vezes a pessoa não faz direito, as vezes não tira uma nota muito boa, as vezes copia do colega, então acaba que eles aprendem que é melhor fazer a prática. (Entrevista)

E com isso vemos que ela se mostra uma pessoa que se importa realmente com o que se tem ensinado aos alunos, e como é ensinado a eles, essa preocupação com o ato de ensinar mostra a docência desenvolvida com o tempo de atuação da professora, porque de certa forma incluir o aluno e fazer com que mesmo que este não queira fazer a prática faça alguma atividade relacionada ao assunto trabalhado também é uma forma de ensinar, nisso se firma à docência, na procura de métodos possíveis para o ensino, e no entendimento do ser que está do lado oposto, que na busca por educação as vezes irá passar por altos e baixos, momentos difíceis que por assim dizer pode afetar ou não seu aprendizado, por isso a docência, o ato de educar se faz importante, pois assim como afirma Freire:

Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor.

A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 2010, p. 58)

A docência, o ato de ensinar se aprende dia após dia, entender o outro, e através disso saber ensinar é uma prática permanente, e isso se mostra presente nas falas da professora que se mostra sempre disposta a ouvir os alunos e com isso adequar o conteúdo as experiências que cada um traz consigo, possibilitando assim um aprendizado mais eficiente, tornando esses alunos mais críticos a opinarem sobre a sociedade em que vivem.

3.1.2 Gênero, formação continuada, Educação Física, questões que entrelaçam o ensino na EJA.

Outras questões que se viu presente nas falas da professora e que são importantes serem apontadas e explicitadas no presente trabalho veremos a seguir, pois muitas são as tensões que de uma forma mais abrangente e diversa caminha pela educação na EJA, e que tanto as vezes trava o ensino como também traz aprendizados que são de grande valia para os alunos, não só no quesito educação, de aprender para o crescimento intelectual, ou para entrada no mercado de trabalho, mas para a vida.

Apontada como uma das tensões vividas pelos alunos na EJA como fala a professora é os assuntos em relação ao gênero, assunto que se vê bem forte nas aulas de Educação Física e como apontou a professora na EJA também, pois por ser um grupo de pessoas em diferentes faixas etárias de idade têm-se o conflito de gerações, ideias e de objetivos também.

[...]porque dependendo do tema tem mais tensões ainda, porque por exemplo uma aula de dança, ai já tem uma questão de gênero ali, por que o espaço que nós utilizamos não é um espaço isolado, reservado, então enquanto a pessoa está ali fazendo a aula de dança, tem outro esperando a aula, outro está lanchando, olhando de outra turma, ai já pode dizer olha o rebolado daquele cara [...] então as tensões são diversas, pessoas de todos os tipos, vários preconceitos, conflitos de idade, de gerações, como eu disse tem alunos de 15 anos, 17 e tem alunos de 60, 70, 80 anos, então tem tensões diversas, machismo demais, racismo também, todas as questões da nossa sociedade ali, e todas relacionadas as questões do corpo, quando a gente ta ali nas aulas essas questões de gêneros são muito visíveis, as meninas muitas vezes não querem participar pois ficam com medo de participar, tem sempre que ter alguma estratégia pra fazer essa interação [...]. (Entrevista)

Como vemos a partir da fala da professora, ela pode observar que o conflito de gênero é bem presente nas aulas de educação física e dependendo do tema ainda se torna mais evidente, e não só as questões de gênero como ela mesmo cita, mas também questões de racismo, machismo dentre outras questões que estão na sociedade, e por ser um campo educacional bem diverso, com pessoas de diferentes idades na busca de aprendizado, esses temas se fazem bem presente, porém com um fator a mais quando se fala da questão de gênero.

Sabendo que esse é um tema bastante importante de se estudar em qualquer campo da educação, e também observando durante as aulas no próprio PPP da escola existe uma área destinada a esse assunto que diz que o estudo da questão de gênero é um tema importante para o aprendizado e enriquecimento dos alunos, pois todos devem entender e aprender sobre esses temas presentes na sociedade.

A Sexualidade, entendida como uma construção social, histórica e cultural, precisa ser discutida na escola – espaço privilegiado para o tratamento pedagógico desse desafio educacional contemporâneo. O trabalho educativo com a Sexualidade, por meio dos conteúdos elencados nas Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica, deve considerar os referenciais de gênero, diversidade sexual, classe e etnia. Assim, procura-se subsidiar, por meio do conhecimento científico – e não por meio de valores e crenças pessoais – os educadores, por meio da formação continuada e da produção de materiais de apoio didático-pedagógico. (PPP CEJA, 2020, p. 45)

Estudar temas atuais da sociedade faz com que os alunos estejam atentos ao que acontece dentro e fora da escola, e através desse aprendizado no lugar correto, ou seja em um local onde o senso comum deve estar fora e o conhecimento científico é levado a sério, estes se tornam emancipados intelectualmente, sendo capaz de pensar criticamente sobre o tema e qualquer outro do qual venha a presenciar ou participar, seja dentro ou fora dos limites da escola.

E estudando esses temas na educação física, campo onde mais se vê presente os casos citados o educador consegue ir eliminando os preconceitos impostos pelo senso comum dentro dessa disciplina da cultura corporal que é de suma importância para qualquer ser humano.

Após o estudo desse tema tão importante na educação física houve uma melhora significativa na postura dos alunos em relação ao tema, e também em relação ao respeito um perante o outro, conseguindo assim uma evolução perante os conflitos antes citados

que conseguite refletia na separação e desentendimento dos alunos como aponta na fala da professora entrevistada.

[...] após umas aulas sobre gênero com certeza melhorou, em muitos casos teve um ganho assim de mais conhecimento, porque muitos so de falar gênero é uma coisa que você já tem que começar falando pelo jeito da palavra, pois se você fala gênero eles já acham que tá relacionado em impor o homossexualismo eles já acham que é isso, então assim é um exercício de muita paciência, tem que ser bem didática mesmo e com certeza costuma ter muitos frutos, nossa essa temática ai já teve muito senhorzinho falando “nossa professora” dando um feedback muito bom que entendeu as coisas, mas é claro que tem pessoas que não se esforçam em mudar a mentalidade, tem pessoas que são mais fechadas sabe, tem pessoas que já vem com aquela mentalidade mais difícil que talvez demore um pouco mais [...]. (Entrevista)

Assim vemos o quão é importante também o educador saber como expor o assunto aos alunos da EJA, pois como aponta a professora as vezes pelo jeito que você começa falando os alunos tendem a pensar que se está querendo impor algo, e isso se dá pelo que cada um aprendeu enquanto ser social, enquanto pessoa que está em uma sociedade que impõe como deve ser cada coisa, e como no campo educacional da EJA isso é bem diverso saber ser didático é a garantia de que os alunos vão entender o que se está querendo dizer, ensinar, é assim poder se alcançar aprendizados relevantes no estudo desses temas, assim cabe ao educador estar sempre atento as formas de se voltar e falar com seus alunos para que estes não entendam de maneira errada o que se está ensinando.

De acordo com Freire:

o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 86)

Nessa busca de levar o aprendizado da maneira correta, podemos perceber que a professora se porta como uma aluna também, pois busca sempre uma forma de poder ensinar da melhor maneira, e isso só se torna possível através da formação continua, o que lava o educador a estar sempre se atualizando nos seus estudos, buscando um conhecimento além do que se já tem, pois assim é possível estar preparado e atento ao que ocorre nos limites da escola, nos temas que estão presentes em meio a sociedade.

Educação continuada é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se com a idéia de construção do ser. Abarca, por um lado, a aquisição de conhecimentos e aptidões e, de outro, atitudes e valores, implicando no aumento na capacidade de discernir e agir. Educação continuada implica repetição e imitação, mas também apropriação, ressignificação e criação. Enfim, a idéia de uma educação continuada associa-se a própria característica distintiva dos seres humanos, a capacidade de conhecer e querer saber mais, ultrapassando o plano puramente instintivo de sua relação com o mundo e com a natureza. (HADDAD, 2005, p. 191 e 192).

Assim a importância de estar sempre estudando, buscando se atualizar em relação aos temas atuais e de como ensinar é um processo que vai por toda uma vida, pois a reflexão do saber fazer é um processo que se constrói coletivamente na educação continuada, porque sempre é possível aprender mais, sempre é possível estar se reconstruindo e se especializando no educar.

E como afirma Behrens (1996, p.135, grifos nossos) “*a essência na formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer*”, com isso a busca por aprender cada vez mais torna o educador por instante mais apto e digno da profissão que exerce que é o educar, e diz-se por instante pois a partir do momento que o educador busca aprender mais para se reconstruir, ele já está apto a se reconstruir novamente, pois a busca pelo saber é infundável.

Outro fator importante a se destacar na fala da professora é a importância que atribui à Educação Física como componente curricular para os alunos da EJA, pois por ser uma disciplina que traz assuntos relevantes não só em relação ao corpo, mas também em diversas outras áreas, ela se torna importante no aprendizado de qualquer ser humano, em qualquer nível de educação para poder conhecer a si mesmo e também aprender a ver criticamente o mundo a sua volta.

A importância da educação física é assim imprescindível, a pessoa conhecer o seu corpo, a pessoa saber o que o corpo dela é capaz, ela conhecer o que ela pode interagir com o mundo com as pessoas, entender como que o corpo dela, a própria corporalidade dela como que foi na vida dela toda, a gente vê que a postura mesmo dos alunos é diferente com relação a história de vida dela que se reflete no corpo, muitos alunos assim retesados, retraídos, então eu vejo assim na EJA principalmente muita importância, alunos que nunca brincaram porque não tiveram infância que trabalharam desde cedo na roça ou cuidando dos irmãos, e primeira vez que foram pular corda foi ali na educação física, alunos que não tiveram nenhuma experiência que você falou da

cultura corporal, nenhum elemento da cultura corporal, não tem nenhuma experiência, alunos que tiveram a chance de dançar pela primeira vez na escola porque a religião não permite, porque alguns valores eram diferentes, enfim tem muita importância, a questão da saúde eles tem muito interesse em saber e eu acho muito importante também pra gente não só instruí-los no sentido de conhecimento, de fazer o corpo saudável, mas também tirando esses mitos, tentando esclarecer esses mitos que eles ouvem, que eles veem nas mídias de forma errada, é muita coisa, então a importância é muito grande, e assim, com relação principalmente aos valores e aos assuntos sociais não é muito importante a relação e muito pertinente e muito fácil da gente fazer essas relações numa aula de educação física, naquele momento em que tem ali um conflito de gênero mesmo, de um aluno que acha que o time dele tem que ter só homem pra jogar futebol, que as meninas não vão saber, enfim tem vários temas que nós podemos utilizar de uma forma clara, de uma forma real, aplicável ali na realidade, então eu só vejo mesmo muita importância[...]. (Entrevista)

Essa importância que a Educação Física traz no conhecimento não só do próprio corpo, mas de todos os elementos que envolvem a cultura corporal em si, tem sua importância para este que teve privado esse direito a educação no momento que lhe era oportuno, pois ao reencontrar com esses temas agora na educação de jovens e adultos ela tem a oportunidade de aprender o que não foi entendido, ou as vezes até não passado a eles, obtendo assim possibilidades de maiores aprendizados, acabando ou pelo menos minimizando com os preconceitos aprendidos com a vida, com as experiências que cada um traz consigo.

E o educador sendo o mediador do conhecimento que a Educação Física possibilita deve refletir sobre sua prática pedagógica, e assim sabendo da importância social e educacional que ela traz, levar os alunos a aprenderem a pensar criticamente podendo assim avançar no desenvolvimento intelectual de cada um, tornando-os sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem-ensino.

Muitos dos adolescentes, jovens, adultos e idosos ingressam na EJA trazem modelos internalizados durante suas vivências escolares ou por outras experiências. O modelo predominante é o da escola com características tradicionais, onde o educador exerce o papel de detentor do conhecimento, e o educando de receptor passivo deste conhecimento. Com base nesses modelos, muitos depositam na escola a responsabilidade pela sua aprendizagem. Há necessidades de romper com esses modelos e motivar a autonomia intelectual, afim de que se tornem sujeitos ativos do processo educacional. (PARANÁ, 2005, p. 30)

Tornar o aluno sujeito ativo no processo educacional possibilita a este um aprendizado maior, pois ele deixa de ser uma pessoa que só recebe informações e passa a também dar informações a partir do que este já conhece, e como o aluno de EJA sempre traz consigo experiências já vividas seja na área educacional ou na vida em si, este tem muito a aprender e ensinar, e cabe ao educador estar atento ao processo de ensino – aprendizagem-ensino, e saber o momento certo de intervir e também de ouvir, de aprender, e não ter em mente que naquele ambiente educacional só ele é detentor do saber, pois ali cada um traz consigo aprendizados passíveis de ser aprendidos por outros, e como afirma Freire (2010, p. 26, grifos nossos), “*os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo*”.

Despertar o interesse no outro pelo saber é o que torna o educador um sujeito em reconstrução, pois este entende que determinado tema nunca está no limite do entendido, sempre é possível se aprender mais, e despertar esse interesse pelo conhecimento no aluno é essencial no ato de educar, pois é o que o leva a acender a chama do saber, do querer aprender, tira do educador o emblema de detentor do saber e coloca em cada um, um pedacinho de possíveis educadores.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a ferir com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. (FREIRE, 2019, p. 111)

Escutar o que o outro tem a dizer desenvolve uma ligação com ele, pois este entende que o educador está interessado no que ele tem a dizer, fazendo assim com que ele aprenda a se expressar melhor, proporcionando desenvolvimento. Na Educação de Jovens e Adultos escutar o outro traz respeito, apreço, liga o educador ao educando, faz com que um escute o outro e aprenda, e assim desenvolvam o olhar crítico sobre o pensamento, sobre o conhecimento aprendido dentro e fora da escola.

Assim se desenvolve no processo do educar pontos fundamentais para o aprendizado tanto do educador como do educando, porque nesse processo o ensinamento e aprendizado vem dos dois lados, a criticidade sobre o conhecimento, sobre a sociedade deve se desenvolver em ambas as partes.

Educar alguém vai muito além de propor o assunto ao aluno, ou até mesmo só lhe explicar, despejar sobre ele um montante de ideias e ou conteúdo, temas. No ato de educar principalmente na EJA deve-se levar em conta como já apresentamos aqui, toda a experiência de vida que o aluno traz consigo, e assim fazendo relação com o conteúdo a ser ensinado se torna mais fácil o aprendizado, por isso se deve escutar, dar ouvidos, pensar criticamente sobre o que se está escutando e assim traçar planos e objetivos que podem ser levados em conta na hora do ensino.

Assim o educador se mostra ciente de todo o processo do educar, que vai muito além de apenas pegar um conteúdo e despejar sobre o aluno tornando esse uma parte inativa do processo de aprendizagem, onde ele só recebe a informação, o educador ciente do processo do educar torna o aluno sujeito ativo, pensante e crítico, fazendo com que este aprenda mais e busque mais conhecimento através do ensino.

*O tempo é o melhor autor;
sempre encontra um final perfeito.*

Charles Chaplin

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou desde o seu princípio responder a uma questão que se viu importante no meio acadêmico entender, e saber como se dá as tensões entre o trabalho e o estudo, tema esse que é tão atual em meio aos tempos que vivemos, pois de certa forma grande parte da população busca o ensino de jovens e adultos para conseguir o sonhado diploma de conclusão tanto do ensino médio, como do ensino fundamental, pessoas essas que por algum motivo se viu privada de poder estudar no tempo correto, seja por questões de família, financeira, educacional dentre tantas outras.

Vale destacar aqui que cada pessoa que busca a EJA tem um objetivo na vida, e como pelos estudos que já fizemos, sabemos que tendo um nível de educação melhor, se obtém chances de conseguir um emprego melhor, uma condição de vida, e isso é o que busca grande parte dessas pessoas que procuram o ensino de jovens, e por mais que se tenha tensões envolvidas, como por exemplo já citado nesse trabalho, as questões de gênero, diferença de idade, religião, tipos de conteúdo ensinado e tudo mais, cada um ali busca uma melhor forma de aprender e recuperar o tempo que lhe foi tirado, proibido.

E se ajeitando no tempo que lhe sobra para o estudo depois do dia de trabalho, tenta se emancipar, tenta recuperar de alguma forma o que lhe foi retirado no momento oportuno, e na luta contra uma educação precária, pouco observada pelos órgãos competentes, busca com o que lhe é ofertado aprender para ter uma vida melhor, e melhor se encaixar no mundo em que vive. Pois como muito já se ouviu dizer a educação é a única coisa que não se pode tirar de uma pessoa, o que ela aprende é algo que vai eternamente com ela.

Cada indivíduo busca na educação, no aprender uma forma de se livrar das correntes que aprisionam a mente, que aprisionam o ser e impede de buscar novos horizontes, buscar novos aprendizados. Por isso esse estudo se torna importante no âmbito educacional, para que através deste se possa olhar para essa modalidade de ensino e pensar formas que venham a atender e melhorar a educação ali ofertada, pois de nada adianta somente ensinar a ler e escrever, deve-se ensinar a pensar, pensar para a vida, pensar criticamente sobre o que se está aprendendo e de que forma aquilo vai poder

transformar sua vida, de que forma aquilo vai te transformar, e assim você pode transformar a sociedade em que você está.

O estudo ainda é uma grande arma contra um sistema que não quer ver o cidadão pensando criticamente, que só necessita deste para o trabalho mais simples possível, rendendo-lhe pouco dinheiro, e tirando deste muito tempo de vida, com o estudo se é possível buscar melhorar o meio em que vivemos, não que isso seja uma tarefa fácil e rápida, mas é de pouco em pouco que vamos conseguindo grandes avanços na educação, e porque não começar já neste tempo, nessa geração.

Cabe aos próximos pesquisadores sobre o tema buscar fazer mais relações e também ouvir seja em forma de relatos, entrevistas, questionários e outras formas de pesquisa mais alunos dessa modalidade de ensino, para que assim se possa aprofundar mais ainda nesse tema, e puxar os olhares para essa classe de pessoas que tanto merecem atenção, pois de certa forma foram impedidas de aprender no tempo que lhe era certo, mas que com persistência e vontade de mudar, buscam no Ensino de Jovens e Adultos uma forma de lutar contra um sistema que é precário.

REFERÊNCIAS

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola pública e pobreza no Brasil**: a ampliação para menos. Rio de Janeiro: FAPERJ; Lamparina, 2009.

ALVES, Giovane. **Reestruturação produtiva, novas qualificações e empregabilidade**. Disponível em: http://www.pde.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Textos_Videos/Giovanni_Alves/Reestruturacao_Produtiva_Novas_Qualificacoes_e_Empregabilidade.pdf. Acesso em: 29 de outubro 2021.

AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. **Constituição do Brasil 1988**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 28 de ago de 2021.

BRASIL, LDB. Lei 9394/1996 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 29 de outubro 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiF9djS8ebzAhX_q5UCHe0B7wQFnoECAgQAQ&url=http%3A%2F%2Fbasenacionalcomum.mec.gov.br%2F&usg=AOvVaw1OBPfdy3d2q2PTT2kOkLq7. Acesso em: 28 de ago de 2021.

CASTRO, Jeimis Nogueira de. A relação entre trabalho e educação no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. **EFDeportes.com**. Revista Digital. Buenos Aires, año 15, nº 147, ago de 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd147/a-relacao-entre-trabalho-e-educacao.htm>. Acesso em: 20 out 2021.

CARVALHO, Rosemeire Barreto dos Santos. **A escola e a prevenção e enfrentamento ao bullying**. Caderno Escola/Jornal Tribuna do Planalto. Goiânia, ano 26, nº1287, p.2, 13 a 17 ago. 2011. Disponível: <http://tribunadoplanalto.com.br/>. Acesso em: 5 maio 2021.

CARVALHO, Rosemeire Barreto dos Santos. Bullying: agressividade no ambiente escolar – construindo estratégias de enfrentamento do problema. **Revista do Professor**. Porto Alegre, a.26, n. 104, p.41-43, out./dez.2010. Disponível: <https://revistadoprofessor.net.br/>. Acesso em: 13 julho 2021.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Concepções e Mudanças no Mundo do Trabalho e o Ensino Médio*. Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia, Bahia, 2008.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A modernização conservadora como marca da educação de jovens e adultos trabalhadores no Brasil**. In: Canário, Rui; Frigotto, Gaudêncio (Org.).
- GALVÃO, Roberto Carlos Simões. **Educação, cidadania e trabalho**. Revista Histedbr, 2007. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art14_25.pdf. Acesso em: 25 jul 2007.
- HADDAD, Sergio. A educação continuada e as políticas públicas no Brasil. In: LESSA, Sérgio. **A centralidade ontológica do trabalho em Lukács**. In: Revista Serviço Social e Sociedade, nº 52. São Paulo, Cortez, 1996. Disponível: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/>. Acesso em: 3 de novembro de 2021.
- LUKÁCS, G. **O trabalho. Per uma ontologia dell'essere sociale**. V. 2, Roma, Riuniti, 1981.
- MARX, Karl. **O Capital**, L. 1, v. 1, São Paulo: Difel, 1978.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte**, São Paulo: Boitempo, 2011.
- AVILA, Salonides José Zanella de. **O MUNDO DO TRABALHO E EDUCAÇÃO**. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/>. Acesso em: 4 Nov 2021.
- PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos**: versão preliminar, Curitiba, 2005. Disponível: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>. Acesso em: 4 de novembro de 2021.
- Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 83-92, ago.2010 – ISSN: 1676-2584
- Rafael Cava MORI; CURVELO, Antônio Aprigio da Silva. **O pensamento de Dermeval Saviani e a educação em museus**, Educ. Pesqui, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 491-506, abr./jun. 2016. Disponível: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 4 de novembro de 2021.
- RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de Jovens e Adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- RUMMERT, Sonia Maria. **Educação e identidade dos trabalhadores. As concepções do capital e do trabalho**. São Paulo; Niterói: Xamã; Intertexto, 2000.

Políticas de formação de jovens e adultos no Brasil e em Portugal. Niterói: Eduff, 2009. v. 1, p. 213-232.

RUMMERT, S. M. **Educação de adultos, trabalho e processos de globalização.** *Contexto e Educação*, Ijuí / RS, v. 9, n. 39, p. 89-111, 1995. Disponível: <http://cienciaparaeducacao.org/>. Acesso em: 17 de junho 2021.

Projeto Escola de Fábrica. Atendendo a pobres e desvalidos da sorte do século XXI. *Perspectiva*. Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. v. 23, n. 2, Florianópolis, jul./dez. 2005, p. 303-322. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/>. Acesso em: 4 de novembro de 2021.

A Educação de Jovens e Adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. *Revista Sísifo*. Disponível: <http://fpce.ul.pt> , n. 2. Acesso em: 4 de novembro de 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 10. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008. (Educação contemporânea).

SAVIANI, Dermeval. **O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias.** In: *Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar*. Org. Ferretti, C. J. et al., Rio de Janeiro: Vozes, 1996. Disponível: <http://forumeja.org.br/go/files/>. Acesso em: 4 de novembro de 2021.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria marxista da educação.** In: Wojnar, Irena; Mafra, Jason F. (Org.). *Bogdan Suchodolski*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. p. 51-88.

TOSCHI, Mirza Seabra. **A nova LDB e o projeto político pedagógico.** *Educação em Revista*, Ano II, 03 dez.1998. Disponível: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

VENTURA, Jaqueline Pereira. **Educação de jovens e adultos ou educação da classe trabalhadora? Concepções em disputa na contemporaneidade brasileira.** 2008. 302f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

Um mapa do emprego no Brasil. *Revista Época [on-line]*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 18 mar. 2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI219290-15259,00.html>. Acesso em: mar. 2012.

VENTURA, J. P. **O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: a subalternidade reiterada.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.

ANEXO 1

Roteiro de entrevista

Nome do orientador: Lênin Tomazett Garcia

Nome do pesquisador: Max Junio Sousa da costa (62) 982331581

Problema: Como as tensões entre trabalho e estudo afetam as aulas de educação física na EJA?

Tema: Tensões entre trabalho e estudo e como isso afeta as aulas de educação física na EJA.

Objetivos: Compreender como as tensões entre trabalhar e estudar prejudica ou impede que os alunos façam as aulas de educação física na educação de jovens e adultos (EJA).

Objetivos Específicos: Identificar nos estudos já existentes quais as tensões que existe entre trabalhar e estudar. Analisar autores que produziram sobre o tema e dialogar com estes. Buscar estudos que apontem como o trabalhar e estudar afeta as aulas de educação física na EJA. Buscar compreender nos artigos e livros como o aluno da EJA se vê nas aulas de educação física. Identificar através de questionários quais as dificuldades os alunos da EJA encontram ao fazer as aulas de educação física.

Roteiro de Entrevista

Dados gerais:

1. Nome:
2. Gênero:
3. Idade:

Dados sobre a formação:

1. Onde e quando ocorreu sua formação inicial?
2. Tem quanto tempo de atuação como docente?
3. Quais as instituições de ensino que trabalha e já trabalhou?

Dados para resolução do problema de pesquisa:

1. Quais ou qual motivo mais se vê presente nas aulas de educação física para o aluno da EJA não fazer a aula?
2. Esses motivos perduram por toda a aula, ou somente em algumas aulas em específico?
3. O que você como professora vê que atrapalha o aluno da EJA nas aulas de educação física?
4. Pode-se perceber que o trabalho interfere na pratica da aula? Se sim, como?
5. O que você como professora faz para que mesmo com o desanimado (cansaço devido ao trabalho) as vezes dos alunos, estes façam a ou participe da aula?
6. Quais tensões você pode observar que permeia os alunos durante a pratica ou não pratica da aula?
7. É possível perceber a participação mais ativa dos alunos em que momento da aula? No momento pratico ou teórico?

8. É grande a presença dos alunos nas aulas de educação física? Ou existe grande defasagem de alunos no momento da aula?
9. É possível observar tensões nas outras disciplinas, ou somente nas aulas de educação física?
10. Como você vê a importância da prática da educação física na EJA enquanto uma disciplina da cultura corporal?
11. Sempre teve a intenção de dar aula em escola?
12. Quando foi o primeiro contato com a EJA?

ANEXO 2

Transcrição da entrevista com a professora de Educação Física da EJA.

Pergunta 1

Olha, é, são variados, mas assim, tentando falar um pouco, assim, tem vários motivos, alguns tem vergonha, muitos tem vergonha na verdade, é, eu me lembro até de uma aula com arco, já que você comentou que lembrou do arco, lembro de uma aula do arco, que uma aluna comentou assim, “professora eu estava com vergonha de fazer essa aula, porque eu achei que ia ser péssima, que ia dar vexame aqui e tal” e aí eu incentivei e tal e ela acabou acertando no meio e foi uma coisa assim que ela ficou impressionada, que ela podia fazer isso, e era uma senhora, que ficou muitos anos sem estudar, que se casou muito cedo, que deixou os estudos por conta da família, tem muitas assim, vejo muitas donas de casa que ficam assim ainda temerosas, ficam com vergonha, muitas vezes não tem uma vida social muito intensa, então demoram para se interagir com as pessoas com os colegas, então esse é um dos motivos bem presente, outro motivo é quando o estudante está um pouco cansado do trabalho, se bem que assim isso não é uma coisa que afeta muito, porque as aulas não são muito extensas, não tem muita intensidade, no que se refere a questão do desempenho físico, mas é eventualmente eles dizem isso que estão cansados e tal, mas em contra partida muitos fazem ao contrário, dizem que como estão muito cansados vão participar pra poder relaxar, geralmente é um momento que eles aproveitam, que eles gostam, mas é claro que tem a queixa de alguns que estão em um momento mesmo de muita fadiga do corpo da mente, mas como eu disse muitos aproveitam disso pra ter um momento de relaxamento.

Perguntas 2, 3, 4.

Nas práticas, se tem algum ou outro problema e na aula prática, nas aulas teóricas eu não costumo ter problema não, é claro que tem, o aluno de EJA ele é muito diverso, eu vou ter um pouco mais de problema com o aluno que é jovem, que na verdade hoje a gente tem até adolescente na EJA, no ensino fundamental né 15 anos, esse aluno é o que mais da trabalho, que as vezes não presta muita atenção na aula e tudo mais, mas o aluno de EJA que já é trabalhador, que já é uma pessoa que tem muito tempo na vida, que está ali mesmo pra aprender, a maioria quer aprender, a maioria é muito interessado, e como assim eu tento, hoje depois de muito tempo, que agora eu tenho um pouco mais de experiência na educação de jovens e adultos, eu tento fazer com que os assuntos sejam mais interligados com a realidade deles, e tento fazer com que aquilo seja mais atrativo,

então com isso costuma, inclusive assim as vezes o assunto até desvirtua muito, porque eles já vão perguntando e perguntando até desvirtua do assunto inicial, porque eles costumam ser bem curiosos com relação aos assuntos da educação física.

Pergunta 5

Como eu disse eu tento incentiva-los, tento deixar aqueles momentos atrativos, se eu vejo que tem algum problema na atividade, que a gente sempre planeja uma atividade de uma forma, quando vai executar não dá certo, eu tento, é, mudar alguma coisa, na atividade, tento adaptar, improvisar, mas quando isso não dá eu não forço também sabe, eu não forço a participação, principalmente nas aulas práticas, inclusive eu tenho assim, outra coisa e eles legalmente também não são obrigados a fazer a aula pratica, o aluno do noturno por exemplo não é obrigado a fazer a aula pratica, então eu tenho sempre uma atividade teórica que é uma alternativa que eu já falo no primeiro dia de aula pra eles, que eles tem essa possibilidade, esse direito de fazer essa atividade teórica, então enquanto aqueles alunos estão fazendo a parte pratica, eles tem a necessidade de fazer essa atividade teórica caso eles não façam a pratica e me entregar ao final da aula, então essa é uma forma que eu entendo que posso incluir esse aluno no tema que está sendo trabalhado, nessa atividade que assim que vai ser relacionada aquilo que a aula pratica está trabalhando e é isso que eu faço, que nesse tempo que eu tenho trabalhado foi isso que eu achei como opção, mas assim a maioria acha melhor fazer a pratica porque a atividade que eu proponho ela é corrigida, então as vezes a pessoa não faz direito, as vezes não tira uma nota muito boa, as vezes copia do colega, então acaba que eles aprendem que é melhor fazer a pratica.

Perguntas 6, 7.

São muitas tensões, muitas tensões, porque dependendo do tema tem mais tensões ainda, porque por exemplo uma aula de dança, ai já tem uma questão de gênero ali, por que o espaço que nos utilizamos não é um espaço isolado, reservado, então enquanto a pessoa está ali fazendo a aula de dança, tem outro esperando a aula, outro está lanchando, olhando de outra turma, ai já pode dizer olha o rebolado daquele cara, não sei o que, já tem alguma coisa assim, um comentário desse tipo, então as tensões são diversas, pessoas de todos os tipos, vários preconceitos, conflitos de idade, de gerações, como eu disse tem alunos de 15 anos, 17 e tem alunos de 60, 70, 80 anos, então tem tensões diversas, machismo demais, racismo também, todas as questões da nossa sociedade ali, e todas relacionadas as questões do corpo, quando a gente ta ali nas aulas essas questões de gêneros são muito visíveis, as meninas muitas vezes não querem participar pois ficam

com medo de participar, tem sempre que ter alguma estratégia pra fazer essa interação, mas é assim, em via de regra há um respeito a uma evolução grande dos alunos em serem educados, nesse movimento aí de tolerar o outro, uma tensão grande que acontece é essa, em relação aos alunos mais jovens e os de mais idade, geralmente os de mais idade, eles se sentem muito incomodados com algumas atitudes dos alunos mais novos, eles se sentem desrespeitados, eles querem participar e muitas vezes os alunos mais novos atrapalham as aulas, então esse conflito sempre acontece mesmo nas aulas, por fim acontece muito do idoso, do aluno mais velho adotar o mais novo, ajudar nos estudos, tem essa parte legal, acontece muito.

Pergunta 8

Não, eu considero que tem uma participação boa, uma participação muito boa sim, geralmente é 70% da turma, pelo menos 70% da turma, é muito difícil uma turma que tenha de 50% pra baixo, rara as vezes de acontecer, aconteceu por exemplo que eu me lembre a última vez que deu pouca adesão a aula, e foi por conta justamente de um problema, que tinham muitos alunos difíceis, muitos alunos novos, alunos ensino fundamental e os outros alunos não queriam participar porque eles atrapalhavam muito, não deixavam a aula fluir, então sempre tinha que parar, tinha que fazer alguma intervenção então é, isso é raro de acontecer, geralmente eles gostam de fazer as aulas práticas, geralmente eles pedem muito mais aula pratica, teve um momento que eu fazia assim, nós não temos um espaço físico, não temos muito material e houve um tempo então que tipo eu dava uma aula pratica e duas, três teóricas intercalando dessa forma e eles sempre falavam que queriam mais praticas, então hoje em dia eu faço geralmente uma teórica e uma pratica até pra eles se organizarem e tal, isso não quer dizer que na prática não vá ter um momento teórico e nem na sala de aula que não vá ter um momento que a gente faça alguma coisa, mas foi um motivo de organização que eu achei que deu certo e que eles gostam bastante, eles costumam pedir mais aulas práticas que é o momento que eles se sentem mais livres vamos dizer assim.

Pergunta 9

As tensões acontecem em todas as aulas com certeza, é, a tensão maior como eu disse é esse choque de gerações, os alunos que não querem fazer a aula pratica geralmente são esses mais novos, os adolescentes, e os mesmos são os que atrapalham as aulas, que tem nas outras disciplinas, os colegas relatam “ ah o fulano atrapalha muito, conversa o tempo todo”, o celular, é uma coisa difícil hoje em dia, estão usando o tempo inteiro, ainda mais agora que a gente teve essa revolução tecnológica, a gente tem que pensar em alguma

forma de usar isso, porque não tem como tirar isso, já é um membro do corpo o celular, tem que rever isso de alguma forma pois é uma coisa que atrapalha muito, então realmente há tensões com certeza, criminalidade demais, muito aluno que vai pra escola vender droga, principalmente quando são ali os adolescentes, que são aviãozinho, tem muitos que inclusive são reeducandos que vão de tornozeleira eletrônica, então tem muitas tensões ne envolvidas ali, e muitos deles não tem vergonha, inclusive usam como forma de intimidação, tem aqueles que não, que até aconteceu comigo um dia a noite, que eu fui na hora do alongamento o aluno foi fazer comigo, ai ele veio com a perna e eu segurei a perna dele, daí eu senti a tornozeleira, ele estava de calça jeans, e ele ficou até assim assustado, tem uns que querem esconder, que querem mudar a vida e tudo, tem muitos assim, não vamos falar que são todos, mas tem de todo tipo mesmo, tem esse aluno que usa isso como forma de intimidação porque muitas vezes ele não vê outra opção de vida, a gente tenta mostrar ne outras possibilidades pra eles.

Pergunta 10

A importância da educação física é assim imprescindível, a pessoa conhecer o seu corpo, a pessoa saber o que que o corpo dela é capaz, ela conhecer o que que ela pode interagir com o mundo com as pessoas, entender como que o corpo dela, a própria corporalidade dela como que foi na vida dela toda, a gente vê que a postura mesmo dos alunos é diferente com relação a história de vida dela que se reflete no corpo, muitos alunos assim retesados, retraídos, então eu vejo assim na EJA principalmente muita importância, alunos que nunca brincaram porque não tiveram infância que trabalharam desde cedo na roça ou cuidando dos irmãos, e primeira vez que foram pular corda foi ali na educação física, alunos que não tiveram nenhuma experiência, que você falou da cultura corporal, nenhum elemento da cultura corporal, não tem nenhuma experiência, alunos que tiveram a chance de dançar pela primeira vez na escola porque a religião não permite, porque alguns valores eram diferentes, enfim tem muita importância, a questão da saúde, eles tem muito interesse em saber e eu acho muito importante também pra gente só instruí-los no sentido de conhecimento, de fazer o corpo saudável, mas também tirando esses mitos, tentando esclarecer esses mitos que eles ouvem, que eles vêm nas mídias de forma errada, é muita coisa, então a importância é muito grande, e assim, com relação principalmente aos valores e aos assuntos sociais é muito importante a relação e muito pertinente e muito fácil da gente fazer essas relações numa aula de educação física, naquele momento em que tem ali um conflito de gênero mesmo, de um aluno que acha que o time dele tem que ter só homem pra jogar futebol, que as meninas não vão saber, enfim tem vários temas

que nós podemos utilizar de uma forma clara, de uma forma real, aplicável ali na realidade, então eu só vejo mesmo muita importância, inclusive ai temos sempre a ameaça de tirar a educação física da EJA, porque eles querem aglutinar o máximo possível, tirar, enxugar o máximo que der, e inclusive na proposta que já existe o EJATEC a distância, não existe aula pratica e ai o conteúdo de educação física é deste tamanhinho é uma coisa assim ridícula, que é o professor de letras que a aula, então não sei nem como acontece isso, então eu tento fazer com que essa aula seja o máximo proveitosa pra vida deles mostrando tudo, inclusive essa importância da educação física sempre tem alguns vídeos que mostram que umas das primeiras coisas que eu tento fazer com eles tenham essa consciência e isso nunca é um problema sabe, eles sempre veem muito sabe, inclusive eles pedem mais, é claro que tem pessoas que querem mais matemática, português, que tem essa ideia de que educação física não vai servir pra nada, mas com o tempo também a gente vai conseguindo modificar e conscientizar eles, ajudar na conscientização, após umas aulas sobre gênero com certeza melhorou, em muitos casos teve um ganho assim de mais conhecimento, porque muitos só de falar gênero, é uma coisa que você já tem que começar falando pelo jeito da palavra, pois se você fala gênero eles já acham que está relacionado em impor o homossexualismo eles já acham que é isso, então assim é um exercício de muita paciência, tem que ser bem didática mesmo e com certeza costuma ter muitos frutos, nossa essa temática ai já teve muito senhorzinho falando “nossa professora” dando um feedback muito bom que entendeu as coisas, mas é claro que tem pessoas que não se esforçam em mudar a mentalidade, tem pessoas que são mais fechadas sabe, tem pessoas que já vem com aquela mentalidade mais difícil que talvez demore um pouco mais, e eu só tenho uma aula na semana as vezes não dá tempo de dar, porque tem tanta sabe, tantos temas, tanta coisa pra gente fazer, mas costuma ser importante com certeza, sempre tem frutos promover essas discussões nas aulas de educação física.

Pergunta 11

Não, nunca quis dar aula em escola, nunca quis, nunca na vida, porque é, acho que as experiências que eu tive no estágio não foram boas e também na minha educação física escolar, na minha história mesmo não foi interessante, assim eu sempre gostei de educação física, sempre amei, mas eu via assim muita dificuldade dos professores em desenvolverem o trabalho, a precariedade, principalmente quando eu era professora na escola pública, então eu não queria sofrer não sabe, então eu fiquei muito tempo na academia de ginastica como personal trainer mas de dez anos, e eu fui buscar a escola

depois que eu me casei pensando na estabilidade financeira porque como personal eu já via que era difícil, porque eu tive que fazer uma cirurgia e já fiquei sem ganhar nada durante dois meses, eu fico imaginando o pessoal na pandemia agora, que loucura que está, eu tenho muitos colegas que ainda trabalham nessa área, teve um que vendeu a academia então assim foi um momento muito difícil, muitos assim se reinventaram mesmo, muitos estão nos parques, em casa, ou até mesmo assim virtualmente, mas eu assim sempre vi muita dificuldade e eu nossa, me preocupava demais, gerava muito estresse em mim, ficar pensando como seria o dia de amanhã, pensando na questão da aposentadoria, porque eu trabalhava na academia mas era um salário assim que não tinha nenhum futuro em questão de aposentadoria, então eu fui mesmo nesse intuito e acabou que quando eu comecei a ter aula na EJA eu fiquei mais motivada e mais assim é, eu fui me apaixonando muito mais com esse trabalho, do que com a própria academia, que eu fui gerando um ranço de academia que eu não queria nem ir mais em ginástica de academia, quando tinha que ir eu já ficava assim “ai esse povo”, porque assim academia também eu acho que as pessoas não podem desistir, que é um campo de trabalho que tem que ter, que tem que alguém que faça a diferença ali, que seja um bom profissional, mas tem que ter muita paciência mesmo, porque as pessoas elas querem uma coisa que, é, tipo assim, vocês tem que estudar academia porque é uma coisa de louco, as pessoas elas pensam muito em estética, elas fazem coisas loucas pra conseguir os resultados, e eu vejo colegas sendo pressionados ouvindo “olha eu quero fazer aquele exercício ali que o personal ali está passando, aquele lá é bom”, sabe uma disputa entre um e outro, os profissionais que fazem os exercícios mais inovadores, diferentes, quem vai postar mais coisas, assim virou um mundo que é tudo, menos educação física aquilo ali sabe, a publicidade, marketing, enfim, então assim eu fui ficando com muita falta de paciência com aquilo tudo, até no início da pandemia eu tinha uma aluna de personal, mas era no prédio dela e tudo mais, era uma pessoa que eu conhecia a mais tempo, mas assim não é fácil, então por isso que fui mesmo me afeiçoando mais a escola e com certeza direcionei tudo, toda a minha energia a minha intenção mesmo em trabalhar com a escola e com a educação de jovens e adultos especialmente.

Pergunta 12

Se eu não me engano foi em 2012 que eu tive lá na escola Murilo Braga, não era EJA, mas já era eu posso dizer que era um perfil de EJA, jovens trabalhadores, já tinha adultos, foi o início, mas assim especificamente um currículo de EJA que ele é mais condensado,

mais rápido, se eu não me engano foi 2013 o ano que eu entrei no CEJA do universitário e comecei ali ter essa experiência, se não me engano foi 2013 mesmo.